

CAMPO

ISSN 2178-5781

Ano XXIII | 341 | Janeiro 2024

Diagnóstico e ação

Sistema Faeg/Senar/Ifag/Sindicatos Rurais vai a campo monitorar o andamento da safra 2023/2024 de soja para perceber os impactos do El Niño e buscar soluções para os produtores mais afetados



FAEG
SENAR
IFAG
SINDICATO RURAL

AGRO
AGRO
AGRO

Ana Godinho

Especialista em Gestão de Riscos
Pessoais, Empresariais e Rurais,
Sucessão Empresarial e Patrimonial.

Há mais de 12 anos buscando fazer
com excelência o meu trabalho
**protegendo o seu bem mais
precioso, a vida!**

*"Fale comigo, eu quero ajudar
a proteger o seu patrimônio e o
seu investimento."*

Seguros Agro

Fique tranquilo no campo

O seguro agrícola protege o **seu patrimônio** (plantação, equipamentos e animais) em casos de danos ou prejuízos, **garantindo mais tranquilidade para o produtor rural.**

Agrícola

Pecuário

Máquinas

Implementos

Seguro de Vida

Sucessão Familiar

Investimento

Patrimônio

Se **resguardar** é
o **melhor negócio!**

AG

Ana
Godinho

62 98151-3151

@godinhoaninha



A revista Campo é uma publicação da Federação da Agricultura e Pecuária de Goiás (FAEG) e do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR Goiás), produzida pela Gerência de Comunicação Integrada do Sistema FAEG com distribuição gratuita aos seus associados. Os artigos assinados são de responsabilidade de seus autores.

Conselho editorial: Ailton José Vilela, Armando Leite Rolleberg Neto, Claudinei Rigonatto, Eduardo Veras de Araújo, Dirceu Borges e Arthur Toledo.

Diretor Técnico: Leonardo Furquim.

Diretora de Comunicação: Michelly Mancinelli.

Edição e revisão: Fernando Dantas e Renan Rigo.

Reportagem: Alexandra Lacerda, Fernando Dantas, Revana Oliveira e Renan Rigo.

Fotografia: Fredox Carvalho.

Diagramação: Isabele Barbosa.

Foto da capa: Fredox Carvalho.

Fotos do Paine Central: Divulgação, Embrapa Arroz e Feijão, Fredox Carvalho e istock.

Tiragem: 5.000 exemplares.

Comercial: (62) 3096-2124 / comunicacao@faeg.org.br.

DIRETORIA FAEG

Presidente: José Mário Schreiner.

Vice-presidentes: Eduardo Veras de Araújo e Enio Jaime Fernandes Júnior.

Vice-presidentes Institucionais: Ailton José Vilela e José Vitor Caixeta Ramos.

Vice-presidentes Administrativos: Armando Leite Rolleberg Neto e Eliene Ferreira da Silva.

Suplentes: Henrique Marques de Almeida, Evandro Vilela Barros, Arthur Traldi Chiari, Margareth Alves Irineu, Washington Luiz de Paulo, João Pedro Braollos, Marcelo Rodrigues Godinho.

Conselho Fiscal: Dulio César de Sousa, José Carlos de Oliveira, Marcos Antonio Alves Capanema, Rinaldo Tomazini Filho, Vinicius Correia de Oliveira.

Suplentes: Watson Arantes Gama, Fernando Guedes Pereira, Hedgar de Jean e Helen, Carlos Donisete Carneiro de Oliveira, Marcio Arlei Dierings.

Delegados Representantes: Walter Vieira de Rezende e José Renato Chiari.

Suplentes: Nilson Fogolin e José Fava Neto.

CONSELHO ADMINISTRATIVO SENAR

Presidente: José Mário Schreiner.

Suplente: Geovandro Vieira Pereira.

Superintendente: Dirceu Borges.

Titulares: Daniel Klüppel Carrara, Orlando Luiz da Silva, Osvaldo Moreira Guimarães e Maurício Sulino Pinto.

Suplentes: Eduardo Veras de Araújo, Eleanandro Borges da Silva, Arthur Oscar Vaz de Almeida Filho e Dionísio Gomes Dias.

Conselho Fiscal: Marcus Vinicius Rodrigues Souza Lino, Wildson Cabral Santos e Sandra Pereira de Faria.

Suplentes: Rômulo Divino Gonzaga de Menezes, César Savini Neto e Dalila dos Santos Gonçalves.

Conselho Consultivo: Thomas David Taylor Peixoto, Sebastiana de Oliveira Batista, Pedro Leonardo De Paula Rezende, Roselene de Queiroz Chaves, Marcos Gomes da Cunha e Valéria Cavalcante da Silva Souza.

Suplentes: Antônio Carlos de Souza Lima Neto, Pedro Henrique Machado Paim, Renato De Souza Faria, Elcio Perpétuo Guimarães, Cláudio Fernandes Cardoso e Francisco Alves Barbosa.

FAEG - SENAR

Rua 87 n° 708, Setor Sul CEP: 74.093-300
Goiânia - Goiás

Fone: (62) 3096-2200 Fax: (62) 3096-2222
E-mail: faeg@faeg.com.br

Fone: (62) 3412-2700 e Fax: (62) 3412-2702
E-mail: senar@senargo.org.br

Para receber a Revista Campo envie o endereço da entrega com nome do destinatário para nosso e-mail.



Assistente Virtual

62 3096 2200

Clima, safra, perdas e mudanças

Começamos o ano com o alerta ligado! O El Niño está causando inúmeros prejuízos e, na atual safra da soja 2023/24, já começamos a mensurar esses impactos. Fomos a campo, neste mês de janeiro, na primeira Expedição Agro Goiás, que percorreu o Estado de Norte a Sul visualizando a realidade do homem e da mulher no campo. E lá, dentro da propriedade rural, encontramos diferentes realidades: desde cultivares precoces que sofreram grandes perdas de produtividade no seu desenvolvimento com a falta de chuvas, até cultivares de ciclo médio e tardio, que se beneficiaram das chuvas do começo do ano, mas que ainda estão na fase de enchimento dos grãos, que parecem não estarem na sua melhor fase.

Teremos perdas, sim. E o produtor precisa se preparar cada vez mais para se antecipar a essas intempéries e, também, fazer a sua parte. Encontramos alguns problemas graves do básico que não foi feito, como o uso de palhada no solo para reter a umidade. Estamos diante de uma grave crise climática e não podemos abrir mão do que funciona e das tecnologias e práticas existentes.

É claro que vamos buscar melhorar isso e desenvolver alternativas. A própria Embrapa esteve conosco em campo e já direciona pesquisas com foco em soluções para problemas climáticos. Também tivemos outros parceiros, como Agrodefesa, Seapa, Emater e outros, que direcionam ações e investimentos junto conosco a você, produtor. Precisamos estar unidos e trabalhar com seriedade, pois só assim vamos conseguir driblar esses problemas que, ao que tudo indicam, serão cada vez mais frequentes.

Caminhamos agora para monitorar também outros setores, como a pecuária, que também deve enfrentar problemas. O clima é uma pauta que afeta a todos e está diretamente ligado ao nosso planeta e à maneira como tratamos ele.

Para isso, também, nesta edição da Campo, trazemos um bom exemplo sustentável que pode ajudar no processo de como lidamos com resíduos que acabam influenciando o nosso clima. Trata-se de uma matéria especial sobre a implantação e uso de biodigestores nas nossas propriedades rurais. É uma verdadeira mina de ouro, uma oportunidade que precisa ser melhor explorada a nível nacional, pois temos total condição de aplicar essa tecnologia, não só reduzindo resíduos e gerando energia limpa, como também diminuindo custos para o produtor.

Assim como as iniciativas do programa Faeg Jovem, que também têm destaque nesta edição, tratam com frequência de iniciativas para mudanças reais de impacto social e sustentável, precisamos que as lideranças do futuro e do presente invistam cada vez mais no planeta como um todo.

Boa leitura!



José Mário Schreiner
Presidente do Sistema Faeg/Senar

Accesse:



sistemafaeg.com.br



@SistemaFaeg



sistemafaeg



senar/ar-go



sistemafaeg



SistemaFaeg



sistemafaeg

sistemafaeg.com.br/faeg/podcasts



Biogás

Uso da energia renovável cresce no campo e surge como oportunidade para redução de custos e garantia de sustentabilidade no agro

26



Safrinha

Desafios e oportunidades devem surgir para a segunda safra, em Goiás, especialmente causados por efeitos climáticos, como fenômeno El Niño

24



Caso de Sucesso

Agricultor em Gameleira investe na produção de graviola, com apoio do Senar Goiás

16



Prosa Rural

Chefe-geral da Embrapa Arroz e Feijão, Elcio Perpétuo Guimarães

12

06 **Porteira Aberta**

08 **Sistema em Ação**

11 **Ação Sindical**

30 **Faeg Jovem**

32 **Mitos e Verdades**

33 **Informes Batalhão Rural**

34 **InfoSenar**

37 **Receitas do Campo**

38 **Dica de Vó**



Senar Responde

Supervisor de Fruticultura do Senar Goiás tira dúvidas sobre romãs rachadas

32

Capa



Com mais de oito mil quilômetros percorridos em 80 cidades goianas, a Expedição Safra Goiás alcançou seu objetivo de mapear a safra de soja em Goiás no ciclo 2023/2024. Com a participação de equipes da Faeg, Senar Goiás, Ifag e parceiros, foi possível realizar rotas técnicas, verificar a situação do plantio do grão no Estado e como o clima interferiu nos resultados de produtividade esperados para a atual safra.

18

Influenza aviária



Ernio Tavares

O Governo de Goiás publicou no Suplemento do Diário Oficial do Estado (DOE), de 15 de janeiro, o Decreto nº 10.393 que prorroga por mais 180 dias, a partir de 30 de janeiro, a situação de emergência zootécnica no Estado de Goiás, de forma preventiva, para a mitigação do risco da Influenza Aviária de Alta Patogenicidade (IAAP-H5N1). A prorrogação deve permitir que o Estado, por meio da Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agrodefesa), intensifique as medidas de conscientização, prevenção, monitoramento e combate à gripe aviária em território goiano. Até o momento, Goiás não

registrou nenhum caso de Influenza Aviária, seja em aves silvestres, de subsistência (de quintal) ou em granjas comerciais. Ainda em janeiro, a Agrodefesa havia captado junto ao Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa) mais de R\$ 2,2 milhões para serem utilizados em ações preventivas contra a Influenza Aviária em Goiás. Desde maio do ano passado, o país adotou medidas para que a doença não afete a cadeia da avicultura nacional, quando o Ministério decretou, por meio da Portaria nº 587/2023, estado de emergência zootécnica em todo o território nacional.

Leite

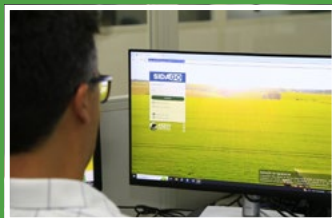
A partir de janeiro, está em vigor nova linha de crédito específica para a bovinocultura leiteira no âmbito do Fundo Constitucional de Financiamento do Centro-Oeste (FCO). Com taxa de juro menor e carência mais longa para pagamento, o FCO Leite é destinado a financiar projetos do segmento e foi proposto pelo Governo de Goiás ao Ministério do Desenvolvimento Regional. A nova linha de crédito tem o objetivo de apoiar o desenvolvimento da pecuária leiteira, econômica e ambientalmente sus-

tentável, de minis, pequenos e pequenos-médios produtores rurais, de forma a minimizar o risco na produção de leite, promover o melhoramento genético do rebanho e aumentar a oferta de produtos lácteos. Conforme aprovado pelo Conselho Deliberativo de Desenvolvimento do Centro-Oeste (Condel/Sudeco), órgão gestor do FCO, a linha de crédito poderá ser utilizada para financiamento de tecnologias voltadas para a melhoria das condições da produção leiteira intensiva e semi-intensiva.



Wenderson Araújo/CNA

Sidago



Adalberto Ruchelle

A Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agrodefesa), órgão do Governo de Goiás, alerta os produtores rurais e demais usuários do Sistema de Defesa Agropecuária de Goiás (Sidago) a se atentarem à segurança de seus dados de login e senha para acesso à plataforma. Desde janeiro deste ano, os usuários que entram no sistema recebem uma mensagem solicitando a alteração de senha. O pedido é em razão de possibilidade de uso irregular dos dados de acesso, por terceiros, para tentar realizar ações fraudulentas junto aos sistemas fiscal e tributário estaduais, a exemplo de declarações falsas e movimentações de animais indevidas. Esse tipo de medida preventiva é realizada, principalmente, por sistemas que possuem grande volume de uso e podem ser alvos de tentativas de fraude, como é o caso de redes bancárias e do próprio Sidago.

Para evitar problemas, a Agrodefesa recomenda medidas de segurança semelhantes a uma pessoa de posse de um cartão de banco:

- Jamais repassar dados como usuário, e-mail e senha do Sidago a terceiros;
- Atualizar sempre os seus dados cadastrais, como e-mail, telefone celular ou endereço no próprio sistema ou na unidade da Agrodefesa (esses dados são importantíssimos para a agência investigar casos de suspeita de fraude);
- Ao cadastrar sua senha, não usar data de nascimento, informações pessoais como número de telefone ou nomes de pessoas próximas que podem facilmente serem testadas por terceiros;
- Caso encontre alguma suspeita de irregularidade no acesso à sua ficha ou vazamento de sua senha, comunique a Agrodefesa do fato e altere sua senha imediatamente.

Bioinsumos

Processo Seletivo

**CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO em
BIOINSUMOS**

Inscrições de 29/01/24 a 29/02/24 em:
ps.ifgoiano.edu.br

Vagas Disponíveis nas cidades:
Campos Belos, Ceres, Cristalina,
Hidrolândia, Iporá, Morrinhos, Posse, Rio
Verde e Urutaí.

O Instituto Federal Goiano (IF Goiano) torna público edital de seleção do Programa de Pós-Graduação em Bioinsumos. Trata-se da primeira especialização Lato sensu do país, oferecida de forma gratuita e multicampi, voltada à formação de recursos humanos na área de insumos biológicos. Ao todo são 125 vagas disponíveis, divididas em nove campi: Campos Belos, Ceres, Cristalina, Hidrolândia, Iporá, Morrinhos, Posse, Rio Verde e Urutaí. As inscrições estarão abertas no período de 29 de janeiro a 29 de fevereiro de 2024 e podem ser feitas pela internet. A pós tem duração de 18 meses, com aulas teóricas em ambiente virtual e práticas presenciais. A publicação do resultado final está prevista para ser feita no dia 22 de abril, quando também serão disponibilizadas as datas, orientações de matrícula e início das aulas. A formação em Bioinsumos é um ramo atual e contemporâneo do agronegócio que tem despontado como a terceira grande revolução da agricultura brasileira.

Acesse
o edital



Startups

STARTUP SCANNER

Mapeamento das
Startups do Agro

BUNGE HUB LIGA

Um estudo sobre a evolução das agtechs na América Latina mapeou 978 startups (809 brasileiras) que estão ativas e utilizam diferentes tecnologias para aumentar a capacidade produtiva do agronegócio. O levantamento inédito foi realizado

pela Liga Ventures em parceria com o Hub CNA Digital e com a Bunge. O levantamento mostra que as empresas estão divididas em 22 categorias, entre elas, biotecnologia, backoffice para agronegócios, vant e geoprocessamento, gestão da pecuária, gestão e análise de plantio, nutrição de plantas, proteínas e bebidas alternativas, comercialização de insumos agropecuários; máquinas e equipamentos para produção, serviços financeiros, agricultura vertical e indoor e agricultura de baixo carbono. O estudo traz ainda

os países com maior distribuição de startups ativas. No primeiro lugar do ranking está o Brasil (83%), seguido pela Argentina (5%), México (4%), Colômbia (4%) e Chile (3%). Já com relação aos estados brasileiros com maior representatividade, temos São Paulo (41%), Paraná (11%), Minas Gerais (10%), Rio Grande do Sul (10%) e Santa Catarina (7%)

Acesse
o estudo
completo



Educação Sanitária

Publicada no dia 16 de janeiro no Diário Oficial de Goiás, a portaria nº 004/2024 do Governo de Goiás instituiu o Grupo de Trabalho Estadual do Programa Nacional de Educação Sanitária em Defesa Agropecuária (Proesa-GO). O foco do grupo é promover a compreensão e a aplicação da legislação de defesa agropecuária, realizar cursos de educação sanitária prevendo a utilização de metodologias ativas, formar multiplicadores, permitir o intercâmbio de experiências, fortalecer a integração interinstitucional e utilizar de meios de comunicação como instrumento de informação e de educação sanitária. O grupo é vinculado ao Comitê Estadual do Sistema Unificado de Atenção à Sanidade Agropecuária (Suasa-GO) do Conselho Estadual de Desenvolvimento Rural e Agropecuário da Secretaria de Estado de Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Seapa). A Federação da Agri-



Agrodefesa

cultura e Pecuária de Goiás (Faeg) e o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar Goiás) estão entre as instituições que integram o grupo ao lado de Agrodefesa, UFG, Emater, SFA/Mapa, CRMV-GO, Sebrae Goiás, Unifimes, Crea-GO, Senai Goiás, UFCAT, IF Goiano e Semad.

Agroindústrias

O Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar Goiás), a Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agrodefesa) e a Secretaria de Estado de Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Seapa) deram início, em janeiro, a uma série de treinamentos com foco na capacitação de técnicos de campo do Senar Goiás que atendem pequenas agroindústrias, sobretudo da agricultura familiar. A ação, que une as áreas de Inspeção e de Educação Sanitária da Agência, está alinhada à iniciativa do Governo de Goiás em fomentar as pequenas agroindústrias rurais no Estado, como forma de promover o desenvolvimento regional e a inclusão produtiva. A capacitação busca levar informações sobre aspectos sanitários ligados à agroindústria de maneira a fazer desses técnicos mobilizadores e facilitadores para o desenvolvimento desse tipo de produção no campo.



Fredox Carvalho

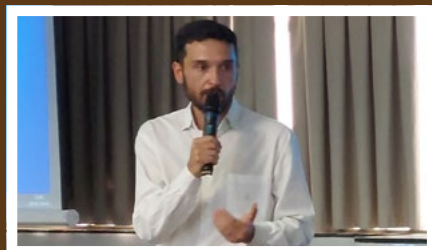
Para registro



Fredox Carvalho



Fredox Carvalho



Fredox Carvalho

“O pequeno produtor, às vezes, tem muita dificuldade de produzir e atender aos requisitos exigidos pela legislação. A gente tem que pensar em romper essas barreiras e mudar a forma de falar e de fazer. Não é abrir mão do zelo e da qualidade dos nossos produtos, mas desburocratizar o processo. Com essa movimentação podemos dar condições dessas famílias não apenas produzir, mas de agregar valor à produção.”

José Mário Schreiner, presidente do Sistema Faeg.

“A ação reforça o compromisso da Agrodefesa e do Governo de Goiás em simplificar os processos para o produtor, do ponto de vista sanitário, ao mesmo tempo em que dá novas oportunidades para que essas possibilidades sejam alavancadas em todo o território, propiciando o desenvolvimento e a inclusão produtiva em diferentes regiões.”

José Ricardo Caixeta Ramos, presidente da Agrodefesa.

“São os técnicos de campo os grandes articuladores e executores principais das nossas políticas públicas. No caso dos agricultores familiares, eles têm características muito particulares e são os técnicos de campo que lidam com a assistência técnica rural que têm como papel decodificar essa mensagem. O Senar Goiás terá papel fundamental nesse trabalho.”

Pedro Leonardo Rezende, secretário de Estado de Agricultura, Pecuária e Abastecimento.

China

Comitiva da China, formada por especialistas agrícolas da Universidade de Yunnan, estiveram em Goiás no mês de janeiro, para conhecer as potencialidades de Goiás na produção de arroz. Durante a programação, estiveram na sede do Sistema Faeg/Senar/Ifag/Sindicatos Rurais, em Goiânia. A comitiva foi recepcionada pelo vice-presidente da Faeg, Eduardo Veras, que lembrou a visita que os integrantes da Federação fizeram à China em 2023 e ficaram surpreendidos com a agricultura local. Ele agradeceu a presença de todos e explicou a importância dessa interação entre o país asiático e as instituições de Goiás para desenvolver o setor agrícola, agora em especial, o arroz.



Fredox Carvalho

Segurança



O Sistema Faeg/Senar/Ifag/Sindicatos Rurais recebeu a visita do comandante de Policiamento Rodoviário,

coronel Marco Aurélio Godinho, juntamente com o comandante do Comando de Missões Especiais (CME), Coronel André Luiz de Carvalho e o subcomandante do CPR, tenente-coronel Ricardo Alves Sano para fortalecer as parcerias entre as forças de segurança e o setor produtivo rural. Durante o encontro, foi definido que serão agendadas reuniões com os Sindicatos Rurais de

todo o estado para que o apoio prestado pelo Comando de Policiamento Rodoviário continue alcançando os produtores rurais durante os deslocamentos a curta distância dos maquinários agrícolas. Estiveram presentes o vice-presidente da Faeg, Eduardo Veras, o vice-presidente Institucional, Ailton José Vilela, e o gerente do Departamento Técnico, Edson Novaes.

Embrapa Cerrados

A Faeg se reuniu com a equipe da Embrapa Cerrados para fazer a entrega dos certificados e troféus em reconhecimento pelo apoio prestado durante a Expedição Safra Goiás. A oportunidade também foi aproveitada para dar um pontapé inicial em parcerias futuras entre o Sistema Faeg/Senar/Ifag e a Embrapa, estreitando laços e fortalecendo o relacionamento entre as duas instituições.



START AGRO
INNOVATION
2024



TECNOLOGIA SUSTENTABILIDADE DIVERSIDADE E INCLUSÃO

17 DE FEVEREIRO
UNIALFA - GOIÂNIA



INSCREVA-SE AQUI

Realização



Parceria



Apoio



UNIALFA



CERTIFICAÇÃO DIGITAL

Adquira o seu Certificado Digital e garanta:

- Assinatura Digital a Distância
- Redução de Custo
- Economia de Tempo
- Eliminação de Papéis
- Segurança nas transações eletrônicas
- Desburocratização dos Processos

Descontos especiais para produtores rurais!



Ação Sindical

Cocalzinho de Goiás Treinamento de Operação e Manutenção de Motosserras



Silvio Coelho - Presidente



Divulgação

O Sindicato Rural de Cocalzinho de Goiás e o Senar Goiás realizaram entre os dias 9 e 11 de janeiro, na Fazenda Santa Bárbara e Desemboque, no Distrito de Girassol, o treinamento de Operação e Manutenção de Motosserras. A capacitação teve a participação de 14 pessoas, que receberam informações sobre segurança no trabalho, funcionamento e regulagem do carburador, técnicas de traçamento e desgalhamentos de derrubada, entre outros.

Vicentinópolis Treinamento de GPS de Máquinas Agrícolas



Edison Pereira - Presidente



Divulgação

O Sindicato Rural de Vicentinópolis e o Senar Goiás realizaram nos dias 22 e 23 de janeiro, na Fazenda Três Irmãs e Fazenda Santa Laura, o treinamento de GPS de Máquinas Agrícolas. Participaram 15 pessoas, que receberam informações sobre operação do equipamento GPS, coordenadas e posicionamento geográfico, acessórios e mapeamentos por pontos, fonte de erros, localização da antena, entre outros.

Buriti Alegre Entrega de Certificados



Luana de Moraes - Presidente



Divulgação

No dia 8 de janeiro, o Sindicato Rural de Buriti Alegre e o Senar Goiás realizaram a entrega de certificados para os alunos concluintes de cursos e treinamentos do Sistema Faeg/Senar. Somente em 2023, mais de 400 pessoas foram capacitadas no município em diferentes áreas de atuação da agro.

Cachoeira Alta Posse nova diretoria



Renato de Araújo - Presidente



Divulgação

No dia 13 de janeiro, representantes do Sistema Faeg/Senar/Ifag participaram da posse da nova diretoria do Sindicato Rural de Cachoeira Alta. O atual presidente Renato Ferreira de Araújo foi reeleito e continua na gestão para o próximo pleito, que será até 2027.

5º Seminário Estadual de

GESTÃO DA CONTABILIDADE RURAL



01/03/24



às 8H



Castro's Park Hotel
Av. República do Líbano,
nº 1.520, St. Oeste.
Goiânia. GO.



Inscreva-se

“Goiás, hoje, está com tudo nas mãos para voltar a ser um estado extremamente importante na produção do arroz”



Elcio Perpétuo Guimarães

é chefe-geral da Embrapa Arroz e Feijão

Alexandra Lacerda | alexandra.lacerda@senar-go.com.br

Em tempos de mercado aquecido, com a alta no preço do arroz, uma boa notícia chega para quem mora no campo e na cidade. Um projeto desenvolvido pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa Arroz e Feijão) apresenta a cultivar BRS A502 terras altas (sequeiro), com sistema de produção oferecendo mais sustentabilidade ao campo, números surpreendentes

de produtividade no estado e custo de produção baixo. De acordo com informações da unidade Arroz e Feijão, localizada em Santo Antônio de Goiás (GO), a cultivar poderá ajudar o estado a se tornar autossuficiente na produção do cereal, proporcionando queda no preço do produto ao consumidor final. A cultivar desenvolvida e já em produção tem despertado o interesse da indústria e movi-

mentado instituições financeiras para disponibilização de crédito específico para a cultura. Na avaliação da Embrapa, é um avanço na retomada e incentivo da produção do cereal, se tornando um forte aliado do sistema de produção. Quem traz mais detalhes é o chefe geral da Embrapa, Elcio Perpétuo Guimarães, em entrevista para a edição de janeiro da *Campo*. Confira!



possuir um espaço para crescimento. Em Flores de Goiás, são plantados cerca de 10 mil hectares, tendo ainda 30 mil hectares disponíveis para plantio. Se você pensar no arroz de terras altas, e essa é uma novidade que está acontecendo agora no estado e vai crescer extremamente rápido, é uma outra alternativa boa para o estado ser autossuficiente. O governador Ronaldo Caiado esteve na Embrapa para conhecer um novo arroz que nós estamos colocando no mercado. É um arroz para ser plantado em condições de terras altas, mas com irrigação, por pivô, não é para ser irrigado pela chuva, porque aí a planta tem menor tolerância ao estresse hídrico como os cultivares que existiam anteriormente. O diferencial está na qualidade do grão que é excepcional, melhor até que o arroz que vem do Rio Grande do Sul. É obtido em condições de irrigação por pivô, que é onde se consegue controlar bem o processo de maturação do grão e de secagem.

2 A cultura se tornou mais atrativa para os produtores, especialmente pequenos e médios?

Se pensarmos no atual momento, com questões ligadas ao preço da soja e clima, o arroz se torna viável, sim. Está sendo pago ao produtor de arroz 40% a mais do que um ano atrás, enquanto para o consumidor está 30% mais caro. O arroz é uma cultura extremamente atrativa. Só que tem uma série de limitações em relação a outras culturas como, por exemplo, a soja que pode ser produzida e comercializada do jeito que foi colhida. Já o arroz você tem que armazenar, descascar, beneficiar e vender. Tem a limitação com transporte para usinas de beneficiamento e hoje não temos mais a estrutura que tivemos no passado para entregar o arroz beneficiado. O produtor que hoje optar por produzir o cereal tem que pensar em trazer o arroz para esse centro de beneficiamento, como em Goiânia ou em outras regiões com centros de beneficiamento. É necessário todo um trabalho de logística que irá incrementar a economia do estado com o aumento da produção. E já existe um olhar para essa demanda.

Embrapa Arroz e Feijão

1 Qual o cenário de produção de arroz hoje em Goiás?

No passado, o arroz foi extremamente importante, sendo o estado um dos maiores produtores do Brasil. Com a expansão da soja, o espaço de cultivo diminuiu e, hoje, somos o 12º em produção no país. Total de 85% de todo o arroz consumido no estado depende de produção externa. E esse arroz vem principalmente do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, que são os es-

tados mais elevados em termos de produção. Isso coloca uma limitação muito grande em Goiás em termos de flexibilidade da indústria, preço e estoque, porque a produção vem de fora e, conseqüentemente, o preço fica mais alto, como estamos vendo agora. Em termos técnicos, Goiás pode produzir arroz em qualquer região do estado. Um exemplo está em Flores de Goiás e Formoso, áreas que produzem arroz irrigado e que estão subutilizadas do ponto de vista de

3 Uma nova variedade de semente de arroz foi desenvolvida pela Embrapa. Quais são as particularidades?

É um cultivar que entra dentro do sistema de produção em pivô, que é uma renovação dentro desse sistema de produção. Quando você coloca essa cultivar no sistema, ela estimula a produção inclusive de outras culturas, como a soja, e aumenta em três a cinco sacas por hectare. E a mesma coisa é válida para feijão. Então, hoje, esse arroz, além de trazer essa oportunidade de plantio no Estado, traz esse benefício para o sistema de produção. Só para ter uma ideia, o que os produtores produziram de semente para essa cultivar de terras altas, que é a BRS A502, que já está no mercado agora, tudo foi vendido com uma rapidez impressionante. E a demanda para esse material é duas ou três vezes maior do que a capacidade que a gente tem de produzir sementes. Então, hoje, tem um mercado extremamente ávido por sementes dessa.

4 Um outro ponto que o produtor observa hoje é a gestão de custo de produção. Como a semente se comporta nessa área?

Realmente o produtor hoje está muito preocupado com relação ao custo de produção, principalmente quando migra de uma cultura para outra. O arroz é produzido em condições com controle de irrigação, em terras altas, tem a recomendação de um sistema no qual a fertilização dos solos já vem sendo feita há muitos anos. Então são solos normalmente mais férteis, onde essa cultivar tem uma oportunidade nutricional melhor. O custo de produção do arroz não é o mesmo que o custo de produção de soja e de milho, é um custo muito mais baixo. Mesmo com dificuldades na produção, a expectativa de produtividade do arroz é muito alta. Nós temos casos de 9 a 10 toneladas por hectare, em alguns casos excepcionais, que é a mesma produtividade do arroz irrigado lá do Rio Grande do Sul, com o custo de produção que é quase um pouquinho mais da metade do custo da produção do arroz do Sul. Hoje, financeiramen-

te falando, o arroz é muito atrativo para o produtor nesse sistema de irrigação por aspersão. No sistema irrigado, pegando Formoso e Flores de Goiás mais uma vez como exemplo, mesmo tendo um custo de produção mais elevado, porque tem a água, o arroz é uma cultura extremamente lucrativa nesse momento. Hoje, não acredito que tenha alguma outra cultura com rentabilidade maior que o arroz, no preço que está hoje. Estamos falando em R\$ 120 ou R\$ 130 a saca de 50 quilos. Não tem nenhuma outra cultura que entregue a rentabilidade que entrega o arroz. Repito, o custo de produção do arroz é menor que o custo de produção da soja e do milho.

5 Pensando nos produtores de pequena e média propriedade, que talvez não terão janela de plantio para milho pelo atraso de colheita da soja, é viável o consórcio entre outras culturas?

A cultivar de arroz que as pessoas colocam em condição de irrigação por aspersão, ela pode ir até final de janeiro, pois se deixar um pouquinho mais para frente, tem a possibilidade de pegar frio na parte da floração do arroz, uma condição nada favorável para qualidade e produtividade. Então, se você plantar em 15 de fevereiro, o risco de se ter algum frio para esse arroz, em abril, maio e junho, vai resultar em uma perda não só de produtividade, por não encher os grãos, como vai ter uma perda de qualidade por ter grãos não cheios completamente, mas essa é uma decisão que fica a critério de produtor. O agricultor que quiser plantar esse arroz tem que pensar numa janela até final de janeiro. Ele entrando com arroz na primeira safra e depois com a soja, ou seja, o arroz sendo plantado em agosto e depois entrando com uma soja aí por volta de dezembro, final de dezembro. Então o arroz tem essas duas opções, essas duas alternativas. O que nós pensamos inicialmente foi um arroz como substituindo milho na safrinha, um arroz de safrinha, mas para a nossa BRS A502 a recomendação é que seja plantada até final de

janeiro, porque o risco é maior se não seguir essa janela. Só que ele tem que saber que à medida que ele vai atrasando o plantio, maior é a probabilidade dele entrar no período de frio na floração. Então tem que conhecer bem as condições climáticas da sua região para ver qual é o tamanho do risco que ele vai correr.

6 Há possibilidade, por exemplo, de ter três safras no ano?

Hoje nós estamos com a Embrapa trabalhando no sentido de que o pivô tem que produzir 300 sacas. O produtor pode começar com arroz e colocar em seguida soja e depois feijão. É viável ter três culturas, com arroz, nesse processo sem muito problema. Você pode plantar soja em setembro, entrar com arroz em janeiro e feijão logo em seguida. Nosso trabalho é para que aconteçam três safras sem nenhum problema em condições de pivô e as safras produzam 300 sacas somando cada uma delas. Exemplo, 120 ou 130 de arroz, que seria uma produtividade de sete toneladas, sete toneladas e meia por hectare e ainda 60, 70 ou até 80 de soja. Depois você entra com os outros 80 de feijão. Isso já é uma realidade, não uma possibilidade. Nós já temos casos de vários produtores fazendo isso e obtendo até mais de 300 sacas de grãos por período, incluindo milho e feijão. Isso se você pensar em milho, feijão, arroz e soja, dependendo do sistema mais adequado para as condições de cada agricultor.

7 Em relação à sustentabilidade, o que acontece? O que essa semente melhorada consegue oferecer para essa maior produtividade da soja?

Esse sistema é totalmente viável. Quando se planta o arroz, se tem um estímulo para que a soja produza de 3 a 5 sacas a mais. O mesmo estímulo é válido para o feijão. Se você faz uma soja, planta o arroz, depois planta o feijão e em seguida volta com a soja, se tem um sistema de produção que está colhendo em termos de sustentabilidade, a médio e longo prazo. Nós temos dentro do estado de Goiás,



O arroz é uma cultura extremamente atrativa. Só que tem uma série de limitações em relação a outras culturas como, por exemplo, a soja que pode ser produzida e comercializada do jeito que foi colhida. Já o arroz você tem que armazenar, beneficiar e vender.



praticamente, o maior complexo de irrigação do Brasil, que é a área de pivôs concentrados no estado, e que já existem há algum tempo e sendo trabalhados com soja, milho, soja e milho. Muitas vezes eles têm já condições, principalmente de solos, bastante desgastados, com problemas fitossanitários bastante grandes, enfermidades, doenças em geral, bastante sérias para essas culturas que acabam diminuindo o rendimento. Tem estruturação em termos de propriedades físicas e químicas do solo já desgastada que exigem um trabalho muito maior do agricultor para conseguir essas produtividades de soja. Então, o arroz entra dentro desse sistema como um componente novo. Entra para diminuir a pressão de doenças, porque as doenças da soja no solo são diferentes do arroz. Isso minimiza o efeito dessas doenças. O sistema radicular do arroz tem uma taxa de multiplicação de nematoides, que é um problema sério, então diminuí também essa infestação com a taxa da existência desses fúngicos. Melhora a função das condições de solo, físicas e químicas, e também biológicas do solo em termos do que é doença para as culturas como soja e milho. Nós temos hoje produtores plantando arroz e colocando cebola, alho, que é uma surpresa para nós. A gente nunca tinha visto ou pensado um sistema de produção onde o arroz fosse entrar com hortaliças, como cebola, por exemplo. O arroz traz esse benefício grande para o sistema, que é uma sustentabilidade, então essa alternância de culturas permite com que nós tenhamos um sistema, com um potencial em termos de sustentabilidade do sistema muito maior.

8 Como tem sido desenvolvida essas parcerias com os produtores rurais?

Essas empresas do setor levam não somente a semente para o agricultor, mas também todo o conhecimento técnico necessário para produzir esse arroz. A Embrapa hoje tem, já dentro de Goiás, uma estrutura que tem permitido levar esse conhecimento para os diferentes cantos do Estado. Além

disso, nós fazemos junto com esses parceiros dias de campo, palestras, daqui até final de fevereiro teremos cerca de 10 dias de campo organizados para mostrar essa a nova cultivar de arroz de terras altas BRS A 502 que está potencializando as produtividades dos sistemas de irrigação por aspersão no Estado de Goiás, para ter competitividade no mercado. Esse arroz tem que ter a qualidade que o arroz de terras altas tem, mas tem que ser produzido dentro do sistema de produção que permita desenvolver essa qualidade que a indústria exige.

9 Como está o trabalho agora?

O que já foi um produto símbolo do Estado, no passado, hoje com apoio político, administrativo, técnico e da cadeia produtiva, todos estão preparados e já fazendo isso acontecer. Não é uma coisa que vai acontecer, está acontecendo. Não é uma previsão de futuro. É estar caminhando nessa direção. Não são coisas assim de pesquisa, que a gente fala, olha, daqui a cinco anos nós vamos tentar esses resultados. Temos hoje uma cadeia totalmente alinhada e comprometida com o tema de entregar para o estado um arroz de alta qualidade. A parceria com instituições como o Sistema Faeg/Senar é fundamental para dotar o agricultor de conhecimento para investir nessa cultura, pois o sistema tem contato direto com o agricultor e é uma oportunidade muito grande para que as tecnologias da Embrapa, como no caso do arroz de terras altas, cheguem nos mais diversos rincões de Goiás. Além disso, as oportunidades de capacitação através do Senar Goiás são fundamentais para a disseminação de tecnologias como essa. É unir forças para entregar ao estado de Goiás a oportunidade de produzir todo o arroz que ele precise e deixar de ser dependente de outros estados e até mesmo pensando no futuro em exportar o arroz para outros estados ou para fora do país. Goiás, hoje, está com tudo nas mãos para voltar a ser um estado extremamente importante na produção do arroz, focado no arroz de terras altas.

Graviola goiana busca seu espaço no mercado

Lavoura com 1.300 plantas é uma das poucas do estado e deve atingir 30 toneladas neste ano. O crescimento de 20% vem com adoção do manejo orientado pela Assistência Técnica e Gerencial (ATeG) do Senar Goiás

Revana Oliveira | revana@sistemafaeg.com.br

Renato Oscarino Oliveira Prado cultiva a fruta no município de Gameleira

Casca verde, com protuberância semelhante a espinhos, a polpa clara e macia, com sabor doce e levemente ácido. A graviola é nativa das regiões tropicais das Américas e do Caribe. No Brasil, é mais comum nas regiões Norte e Nordeste da região amazônica. A fruta exótica tem muitas propriedades benéficas à saúde, além de baixa caloria (62 calorias a cada 100 gramas), as fibras presentes dão maior sensação de saciedade. É fonte de cálcio, magnésio, manganês e potássio, além de vitaminas B1, B2, B6.

Ainda há relatos de que a fruta ajuda na saúde do coração, diminui a insônia, a pressão arterial, alivia problemas causados por doenças no estômago como úlceras, gastrites, dores causadas por reumatismo, osteoporose e combate o envelhecimento precoce.

Em 1995, um estudo de uma universidade norte-americana apontou que o chá da folha de graviola inibiu a proliferação de células de câncer de cólon, porém, o estudo foi realizado a partir de amostras in vitro, ou seja, fora de um organismo vivo, em laboratório. Mesmo não havendo comprovações científicas, a planta e a fruta passaram a ser muito procuradas por pacientes oncológicos. Os médicos alertam que ela pode ser sim consumida, que as propriedades são benéficas, só não pode ser usada como único tratamento.

Diante do tanto que se fala da graviola e do crescimento da procura por ela, Renato Oscarino Prado passou a vendê-la na L.A.R., distribuidora de frutas que ele tem no Jardim Guanabara, em Goiânia. Inicialmente, ele comprava de um produtor na região de Gameleira, a cerca de 95 quilômetros da capital. Há quase dois anos, o dono da fazenda decidiu se dedicar à produção de leite. Pensando em extinguir o pomar, foi aí que o comerciante resolveu arrendar a propriedade e conduzir o cultivo. O manejo exige paciência.

“A planta de graviola é muito atacada por brocas, são três, que atingem o tronco, o fruto e a semente. Então, nós temos que ter muito cuidado para fazer esse combate para eliminar as brocas, mas não os besourinhos responsáveis pela polinização. Nós fazemos esse trabalho em plan-

ta por planta de forma manual. Eu e meus sócios, Damião e Anderson, que realizamos esse trabalho. Mas claro, não aprendemos sozinhos. Nós contamos com a consultoria do Senar Goiás. O Lucas Markezan faz a Assistência Técnica e Gerencial (ATeG) para nós”, conta.

O Senar Goiás está na Fazenda Dom Bosco desde 2021. Os 1.300 pés que compõem a plantação têm de 10 a 15 anos. O cultivo começou por acaso, quando seu João, o dono da propriedade, ganhou seis graviolas e a esposa dele se apaixonou pelo sabor da fruta. Com as sementes delas, eles começaram o cultivo. O casal foi o primeiro a ter o acompanhamento da Assistência Técnica e Gerencial (AteG) na área de Fruticultura com o técnico Lucas Markezan.

“Quando cheguei, o espaçamento entre as plantas foi uma grande dificuldade. A cultura foi implantada sem orientação técnica, acabou que o plantio foi um pouco adensado e por isso dificultou muitos tratamentos culturais na época. Não sendo possível entrar maquinários em muitas áreas. A gente começou inicialmente com podas para poder diminuir um pouco a altura das plantas, para poder facilitar o manejo. Posteriormente, a gente teve muitos problemas com a questão fitossanitária, especialmente com brocas. É uma planta que é atacada por três espécies diferentes de insetos, que vão atacar o fruto e a planta também, e esses insetos não têm produtos registrados especificamente para a graviola. Então, acaba que nós temos que utilizar métodos alternativos. Alguns produtos já têm uma certa aceitação pelo Ministério da Agricultura e sempre respeitando a carência para não ter nenhum tipo de contaminação”, explica Lucas.

Outro desafio foi durante a coleta das frutas. “Por ser uma fruta que quando está no ponto de colheita não tem uma coloração tão diferente, ela continua esverdeada por fora, acabou que a gente teve muitos problemas com frutos que eram colhidos imaturos demais. Já os frutos que já estavam no ponto, eles ficavam para outra semana ou para outra colheita e ficavam perdidos no pomar. E isso atrapalhava a questão fitossanitária, porque o fruto contribui com o aparecimento de outros insetos e cada



Técnico de Campo do Senar Goiás, Lucas Markezan faz o acompanhamento de ATeG na propriedade

vez mais piorava a sanidade. Então, a gente teve que educar o coletor para poder saber exatamente o ponto de coleta”, relembra o técnico de campo.

Período

A safra da graviola em Goiás vai de janeiro a julho. No primeiro ano de acompanhamento do Senar Goiás, como arrendatário da plantação, em 2023, a produção foi de 25 toneladas. Para 2024, a expectativa é aumentar 20%. “Uma das nossas propostas para termos resultados cada vez melhores é encontrar uma forma para que um trator consiga ser usado para fazer os tratamentos culturais. Em termos de produção, a gente também está se adequando, cada vez mais aumentando a fertilidade do solo e a própria adubação química para poder ter um retorno maior e então aumentar a produtividade com o que a gente já tem. Esse é um pomar que já está em plena produção, então a questão da produtividade vai depender só do manejo mesmo e não das plantas crescerem e chegarem no ponto de ficarem adultas. No caso, a gente só precisa mesmo mantê-las saudáveis e aumentar o nível de fertilidade das plantas”, detalha o técnico de campo.

Renato está animado com a produção do pomar tendo as orientações do Senar Goiás. “A instituição é muito importante para nos ajudar com a produção, por passar orientações que facilitam o nosso trabalho e reduzir os custos, otimizar nosso tempo também. Como por exemplo

quando utilizamos o drone para fazer aplicação de uma adubação foliar. Muita gente acha difícil cultivar frutas, essas mais exóticas ainda exigem mais. Mas com a assistência correta e principalmente amor pelo cultivo, a rentabilidade vem. Você vai limpando, cuidando, vendo as flores, os insetos fazendo a polinização, as frutas se desenvolvendo, são muitas etapas que nos dão satisfação, em especial colher frutos bons, levar coisas de qualidade para que as pessoas tenham mais saúde. Isso é um privilégio”, ressalta Renato.

Para aqueles que desejam investir nesse tipo de cultivo é preciso ter em mente que é um mercado para ser desbravado em Goiás, se comparado às frutas convencionais. “Esse é um mercado que ele é um pouco restrito ainda por conta da falta do produto. A gente tem muitas indústrias de polpa, fábricas que vão pegar para processamento. Muitas pessoas gostam bastante da fruta, mas no estado não tem uma produtividade satisfatória para atender o mercado interno. A gente ainda tem uma procura baixa, porque o pessoal não sabe onde encontrar”, aponta Lucas.

Para ter acesso a Assistência Técnica e Gerencial do Senar Goiás na área de Fruticultura, é preciso procurar um Sindicato Rural. A quem pretende começar a plantação é recomendado que veja possibilidades de variedades genéticas mais comerciais. Isso pode significar melhor possibilidade de vendas. “E outro fator que talvez seja um pouco complicado é por ser uma fruta grande. Às vezes ela chega a seis quilos, sete quilos tranquilamente. Acaba que uma pessoa, uma família menor, não consegue consumir ela inteira. Então, a tendência seria buscar frutos menores futuramente com seleção genética. Variedades que sejam eficazes para esse tipo de consumo, enquanto que os frutos maiores seriam indicados para o processamento. Essa é uma cultura de longo prazo, então são cinco anos para iniciar a produção plena, mais uns 10, 15 anos de produção. Portanto, não é um investimento de retorno rápido e o produtor precisa ter em mente que deverá ter mais de um comprador para escoar a produção de forma mais segura”, orienta o técnico de campo, Lucas Markezan.

Fredox Carvalho

Expedição traça a realidade da safra em Goiás

Com mais de oito mil quilômetros percorridos em todo o Estado, evento mapeou a situação da soja em diferentes regiões goianas. Clima foi o principal desafio avaliado, que deve impactar na produtividade do ciclo 2023/2024

Alexandra Lacerda | alexandra.lacerda@senar-go.com.br

Promovida pela Federação da Agricultura e Pecuária de Goiás (Faeg), Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar Goiás) e Instituto para o Fortalecimento Agropecuário de Goiás (Ifag), a Expedição Safra Goiás foi realizada em janeiro deste ano e contou com rotas técnicas e institucionais que percorreram mais de oito mil quilômetros no Estado. Ao todo, 80 cidades foram visitadas em cinco regiões goianas, com passagens em propriedades que investiram no cultivo da soja na safra 2023/24. Também foram visitadas sedes de Sindicatos Rurais, onde diretores da Faeg e especialistas compartilharam conhecimento por meio de palestras

sobre cenário econômico, mercado e clima para 2024.

Para a realização do evento, parcerias importantes foram necessárias para promover esse grande laboratório a céu aberto, buscando informações através da vivência de cada produtor, o que possibilitou traçar uma rota do desenvolvimento da soja no estado e os desafios encontrados em cada região. Uma comitiva composta por 140 pessoas, entre elas representantes de entidades como Sebrae Goiás, Seapa, Agrodefesa, Emater, Embrapa, Conab, Sicoob Secovicred, Nissan/Saga, Bayer e Agrotrends.

Ao final dos quase 10 dias de trabalho, uma projeção foi apresentada com escala de perda entre 15% a 23%

total após o término da colheita da soja no estado. Só para se ter uma ideia, em 2023 a produtividade obtida foi de 65 sacas por hectare. Com o cenário atual, estima-se uma variação de produtividade entre 50 e 55 sacas então, ou seja, uma perda por hectare de 15 a 10 sacas, principalmente nas lavouras mais precoces que sofreram com a seca.

No ano passado foram colhidas 17,7 milhões de toneladas de soja. Agora, devido a essa perda produtiva, a estimativa é entre 13,8 a 15,2 milhões de toneladas para a safra 2023/24. Uma redução de até 3 milhões de toneladas.

Os locais com maior agravamento de perda nas lavouras de soja foram





Fredox Carvalho

Assessor da Faeg, Leonardo Machado avaliou, juntamente com vários especialistas, a situação da soja em vários cantos de Goiás

percebidos nas regiões Sudeste do estado, com o predomínio do plantio precoce, na região do Vale do Araguaia, até Caiapônia, chegando até Nova Crixás, e a região Nordeste, como Posse. No período da passagem da caravana, entre os dias 15 e 22 de janeiro, foi possível observar que as lavouras que haviam iniciado a colheita, eram em áreas de pivô, que anteciparam o ciclo por causa da questão climática e estavam com 3% a 5% colhidas.

“Durante a expedição foi possível observar, de forma geral, cenários de grãos menores e redução de sacas por hectare nas lavouras semeadas no período de onda de calor no estado. Em compensação, lavouras tardias apresentam boa qualidade. Mas pouca palhada no solo pode fazer com que plantas fiquem ainda suscetíveis aos efeitos do sol. Acreditamos que será inevitável a redução de produtividade e, conseqüentemente, da produção da safrinha de soja goiana, além da previsibilidade de uma menor área de milho safrinha, visto que os produtores vão perder a janela de plantio”, explica o assessor da Faeg, Leonardo Machado.

Ao final da Expedição Safra Goiás um relatório preliminar apresentou os principais pontos observados, amostras foram colhidas e informações coletadas que resultaram em um banco de dados para a tomada de decisões futuras de apoio aos produtores goianos.

Panorama Geral no estado

>> Há perdas consolidadas na produção goiana. O somatório do baixo volume de chuvas no início do plantio (setembro/outubro 2023) e as elevadas temperaturas, resultaram em perdas que poderão chegar a variar entre 15% a 23%, com uma produtividade média estimada neste momento entre 50 e 55 sc/ha;

>> Ainda é cedo para se trazer uma estimativa precisa, já que muitas lavouras encontradas durante a expedição estavam em estado vegetativo ou reprodutivo inicial, sendo que o clima daqui para frente ainda tem potencial para de fato definir isso. Esses números refletem, em grande parte, as expectativas dos próprios produtores baseados em históricos anteriores somado ao visualizado na expedição;

>> Em todas as regiões temos conseqüências da situação adversa de clima, porém, o Sudoeste, o Vale do Araguaia e Nordeste Goiano são os mais atingidos;

>> As maiores perdas devem ocorrer nas lavouras de ciclo precoce, semeadas entre setembro e outubro, devido falta de chuvas e altas temperaturas que foram bastante intensos nesse período, assim como nas lavouras plantadas mais tardiamente (dezembro e janeiro) devido ao plantio fora da janela ideal;

>> Outro problema que chamou atenção foi a falta de cobertura na proteção do solo. Foram observadas muitas áreas com solos expostos e isso fez com que as plantas sofressem mais com elevadas temperaturas, causando redução no stand e problemas nutricionais pela baixa inoculação, agravando o stress hídrico e térmico e conseqüentemente, as produtividades. Além disso, problemas com tratos culturais, como o controle de plantas daninhas, foram bastante evidentes. Os produtores não conseguiram efetuar pulverizações em função do clima desfavorável. Foi observada ainda uma grande pressão de pragas nas áreas produtivas, especialmente as lagartas;

>> Além disso, também foi verificada a realização de semeaduras com plantabilidade prejudicada, que trouxeram conseqüências negativas para a produtividade das áreas;

>> Por fim, o ponto positivo, que deve evitar resultados piores, é o bom desempenho das lavouras de ciclo médio e longo, semeadas em novembro, que apresentam um bom potencial produtivo em algumas áreas, claro a depender do índice de chuvas de agora em diante;

>> Já ocorrem colheitas de forma pontual (lavouras precoces) devido ao encurtamento do ciclo, resultado, principalmente, das altas temperaturas. Estas colheitas têm mostrado, de forma geral, baixo desempenho, com produtividades abaixo de 30 sc/ha.

Fredox Carvalho

Efeitos climáticos e condições da lavoura

O clima foi um fator decisivo para o cenário encontrado. A escassez de chuvas em períodos determinantes no desenvolvimento da cultura resultou em plantações com situações diversas, algumas colhidas, soja em situações de germinação e lavouras de safrinhas (milho) já semeadas.

O assessor técnico do Ifag, Alexandre Santos - que esteve em uma das equipes de campo - avaliou as precipitações registradas nas diferentes regiões de Goiás. "No sudoeste do Estado as precipitações foram favoráveis apenas no primeiro e segundo decêndio de janeiro. Na semana da expedição, voltaram a ficar mais irregulares. Encontramos poucas chuvas alternadas com tempo aberto na maior parte dos municípios produtores do Estado. Porém as chuvas que ocorreram no mês de janeiro melhoraram consideravelmente os níveis de água no solo", conta.

Após prorrogação do prazo de semeadura, conseguido por meio da Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agrodefesa), o plantio foi



Fredox Carvalho

Assessor técnico do Ifag, Alexandre Santos destacou que as chuvas que ocorreram no mês de janeiro melhoraram consideravelmente os níveis de água no solo

finalizado em 12 de janeiro. Devido ao estresse hídrico e luminoso, foram observadas lavouras com falhas nos stands. Quanto ao aspecto fitossanitário das lavouras, houve pouca incidência de pragas e doenças sem comprometimento expressivo de áreas. Foram observadas mosca branca (menor intensidade) e alguns casos de ataque de Lagartas do Complexo Spodoptera, sendo este em uma pressão

de alerta para se intensificar o controle. Porém, até o momento, não chegou a níveis significativos de danos econômicos.

Para o presidente da Agrodefesa, José Ricardo Caixeta Ramos, esse trabalho de campo, que envolveu equipes da Agência, foi relevante para conhecer melhor a realidade da safra goiana e também para levar conhecimento ao produtor. "Durante a Expedição, aproveitamos para alertar o agricultor sobre a importância do cadastro das lavouras de soja no Sistema de Defesa Agropecuária (Sidago), além de reforçar a importância de notificar a ocorrência de ferrugem asiática ou de outras pragas que venham acometer a lavoura, para que a Agrodefesa possa monitorar sua ocorrência e o período de vazio sanitário", acrescenta.

Diferença entre ciclos precoce, médio e tardio

Com os baixos volumes de chuvas nos meses de novembro e dezembro, as lavouras que estavam na fase reprodutiva ficaram comprometidas quanto ao potencial produtivo. Os fatores adversos ao desenvolvimento da cultura da soja



Parte das equipes envolvidas na Expedição Safra Goiás

Fredox Carvalho

precoce foram basicamente climáticos, como estresse hídrico, térmico e escassez de chuvas (chuvas esparsas em volumes variados).

De um modo geral, as lavouras precoces sofreram bastante com a falta de chuvas. Essas lavouras representam de 10% a 20% das áreas a depender do município. Mesmo as irrigadas foram observadas queda de rendimento devido ao estresse térmico e luminoso. As de ciclo precoce já estão sendo colhidas com variados rendimentos: 5, 7, 10, 20, 25 e 30 sacas por hectare.

Por outro lado, as chuvas estão colaborando para as áreas de ciclo médio e tardio. No geral as lavouras estão na fase de enchimento de grãos e dependem de chuvas para obterem melhores rendimentos. Para a Embrapa, uma das parceiras da expedição, ter esse panorama das regiões mais afetadas e a necessidade de cada produtor para garantir a produtividade ajuda nas pesquisas desenvolvidas, muitas delas podendo ajudar a melhorar a produtividade no campo. “Existem algumas pesquisas que estamos começando, entre elas com protetor solar de planta, utilização de microrganismos para desenvolvimento da raiz e alguns que alte-

ram a fisiologia da soja. Então, com esses produtos, a intenção é que tenham a função de minimizar esses estresses detectados em campo durante as visitas da expedição, quando vimos o que a planta acaba enfrentando nessas safras de seca e alta temperatura” afirma o pesquisador Embrapa Soja, Leonardo Campos.

Para o presidente do Sistema Faeg/Senar/Ifag, José Mário Schreiner, todo esse trabalho, apesar das surpresas desagradáveis e a constatação de uma perda considerável, foi importante para que as instituições envolvidas no levantamento busquem, agora, unir forças para os próximos passos que irão contribuir para que o produtor continue na atividade no campo e minimize os prejuízos para toda sociedade. “O primeiro prejuízo é do produtor rural, mas também a agroindústria vai deixar de processar esse produto, que deixará de aparecer nas prateleiras dos supermercados, apesar de não haver risco de desabastecimento. Com isso, automaticamente haverá redução das importações e da empregabilidade”, alerta.

“Diante dos impactos climáticos, principalmente no início do plan-

to, organizamos essa expedição para saber o quanto a safra de soja foi afetada e as regiões mais impactadas, especialmente pelas condições climáticas adversas. Para isso, as equipes técnicas visitaram as lavouras indicadas pelos Sindicatos Rurais e coletaram amostras. Goiás tem seu desenvolvimento baseado no agro e buscar conhecer de forma mais precisa os números finais da safra é fundamental para todos que de alguma forma dependem do agronegócio goiano”, explica José Mário.



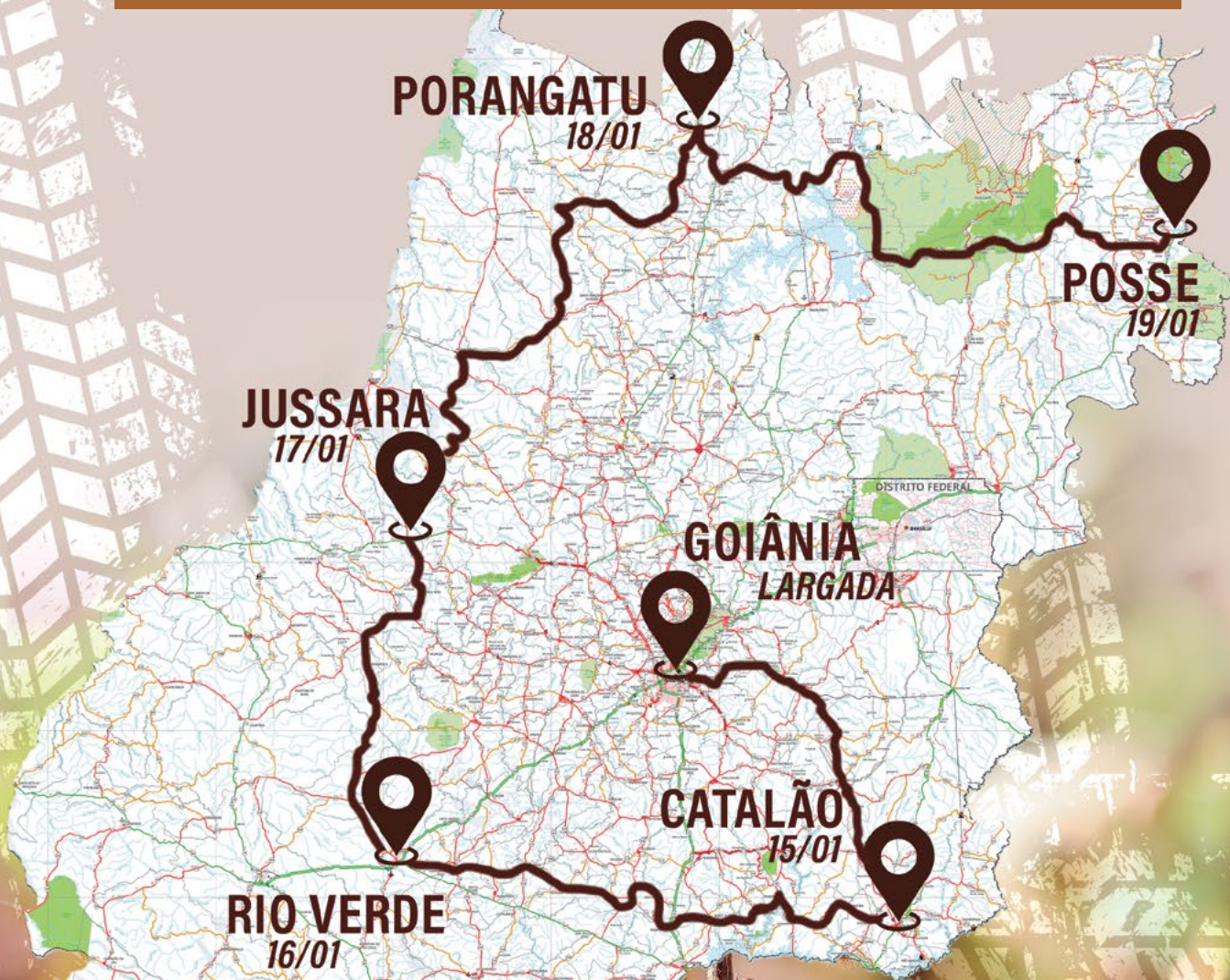
Fredox Carvalho

Presidente do Sistema Faeg/Senar/Ifag, José Mário Schreiner fez a abertura da Expedição Safra Goiás



Fredox Carvalho

Realidade em diferentes regiões



Proprietária: Fabíola Tosta Gonçalves

Nome da propriedade: Fazenda Santa Rosa do Rio dos Bois - Silvânia (GO) **Há quantos anos cultiva soja:** 8 anos

Área cultivada safra verão: 1.880 hectares

Safra 23/24: O desenvolvimento dessa safra foi um pouco complicado. Foi bem difícil pela falta de chuva. Demora no desenvolvimento, cogitamos até o replantio, mas graças a Deus depois que iniciou a chuva a soja deu um arranque e conseguiu desenvolver bem e estamos com esperança de ter uma boa safra.

Segunda Safra: Para segunda safra vamos investir no milho e girassol e esperamos que seja menos sofrida com condições climáticas melhores.

Expedição Safra Goiás: Foi muito bom receber a equipe técnica, ter contato com representantes de diferentes órgãos ligados à agricultura e contar nossa experiência. Acredito que isso vai ajudar os produtores rurais de todo o estado a conseguir melhores condições para produzir.

Proprietário: Eliene Ferreira

Nome da propriedade: Eliene Ferreira - Cocalzinho /Barro Alto / Santa Rita do Novo Destino (GO) **Há quantos anos cultiva soja:** 20 anos

Área plantada na safra verão: 4.150 hectares

Safra 23/24: Plantio muito complicado, poucas chuvas, muito calor, stand final ficou baixo, desenvolvimento da soja foi bom mesmo com pouca chuva. Janeiro em diante muito chuva, lagarta, percevejo e mosca branca deu muito trabalho, aumentando despesas com inseticidas. Em relação à safra passada, tivemos bons volumes de chuva durante o plantio. No início da safra tivemos poucas chuvas, depois da virada do ano muitas chuvas que resultaram em lavouras bem implantadas. Quanto ao impacto do clima na produtividade ainda não temos áreas colhidas para atestar os resultados. Mas na região acreditamos que ainda teremos uma quebra de 10% referente ao ano anterior levando em conta o baixo stand de plantas.

Segunda safra: Pretendemos investir no plantio do milho.

Expedição Safra Goiás: Muito boa, ajuda a esclarecer aos grandes órgãos como estão realmente as lavouras do estado.

Proprietário: J.R. Roberto Brucelli

Nome da propriedade: Fazenda Santo Antônio - Santo Antônio da Barra (GO) **Há quantos anos cultiva soja:** 15 anos

Área cultivada safra verão: 550 hectares

Safra 23/24: Cultivamos no plantio direto nas safras de soja e milho. O impacto na região, eu penso que vai ficar nesses 20% a 30% de produtividade a menos. Teve quebra de produtividade em todas as fazendas. Quem plantou mais cedo, já nas primeiras, choveu bem e plantou, e aí demorou para chover depois. Quem plantou nessa primeira chuva depois do vazio sanitário, de 25 a 10 de outubro, foram as lavouras mais prejudicadas. As lavouras aí tiveram quebra de 40%. Quem plantou depois do dia 10 de outubro, está ali 20% de quebra. A soja precoce e semiprecoce foram as mais afetadas e a ciclo médio e tardio ainda conseguiu produzir melhor. Nessa safra 23/24 tivemos um grande problema por conta do calor e teremos uns 20% a menos na produtividade. O clima foi fator decisivo, em uma outra fazenda teremos 40% de quebra na produtividade, fomos prejudicados porque nós plantamos cedo.

Segunda Safra: Nós vamos investir na mesma área, mas a tendência na região é diminuir a área de milho safrinha, e muita gente plantou tarde. Nós vamos investir, vai ser a mesma área, tudo, mas a tendência na região é diminuir a área de milho safrinha, e muita gente plantou tarde, nós fomos prejudicados, porque nós plantamos cedo.

Expedição Safra Goiás: Foi uma ação muito importante, principalmente para a Faeg ficar em contato com o produtor e com a região. Conhecer mais todo o Goiás e essa interação entre o sindicato e a Faeg se estreitou. Acho que foi o maior benefício dessa expedição.

Proprietário: Pedro Hugo

Nome da propriedade: Fazenda Formoso – Paraúna (GO) **Há quantos anos cultiva soja:** desde 1980

Área cultivada safra verão: 2.030 hectares

Safra 23/24: Tivemos problemas no início da cultura nos meses de outubro, novembro e até dia 15 de dezembro. Altas temperaturas, índice pluviométrico baixo, má distribuição, que resultaram em déficit hídrico e altas temperaturas, afetando um pouco na produtividade, principalmente da soja precoce. No nosso caso, o clima não vai afetar tanto pelo fato de a soja ser de ciclo médio e tardio. A única soja que nós tínhamos, a precoce, a maior parte era no pivô, no qual nós irrigamos com intensidade para suprir a necessidade da cultura, amenizando o problema causado pelo estresse, pelas altas temperaturas. O impacto na região, acredito, será de uma quebra de no máximo 8% a 10%. Houve replantio e a soja mais impactada foi aquela plantada inicialmente.

Segunda safra: Em relação à safrinha, nós vamos ter uma redução de área de 10% pelo fato da janela de plantio inadequada para a cultura do milho. Nós iremos investir na área cultivada, 65% será milho e o restante será capim.

Expedição Safra Goiás: Achei muito interessante pois envolveu várias instituições de peso, o que dá credibilidade nos resultados compilados ao longo dessa expedição, como Embrapa, Agrodefesa, Faeg, enfim. E ao meu ver essa expedição deve ser feita todo ano para ter um panorama geral da safra no estado de Goiás.

Jonny Chaparini

Nome da propriedade - Fazenda Bom Jardim – Montividiu (GO) **Há quantos anos cultiva soja:** 25 anos

Área cultivada safra verão: 145 hectares

Safra 23/24: O desenvolvimento da cultura está sendo praticamente “quase” normal. Tivemos altas temperaturas e sabemos que isso afeta o metabolismo da planta e trava a fisiologia, o sistema fisiológico da planta. Há chuvas com índice pluviométrico bem regrado, como temos estação nas proximidades acompanhamos de perto esses índices. Acredito que o impacto da produção, a gente vai ver à medida que vamos colhendo. Mas calculamos uma quebra na produção em torno de 12% a menos que a safra passada, porque as altas temperaturas e o baixo índice pluviométrico afetaram diretamente o metabolismo e a fisiologia das plantas, abortando flor, vagens, diminuindo o peso do grão. Fazendo o acompanhamento através da estação meteorológica que temos nas proximidades de Montividiu, sabemos que no mês de outubro, nós tivemos um índice pluviométrico de 172 milímetros. Já no mês de novembro foram 143 milímetros e dezembro apenas 53 milímetros. Isso resultou na perda de energia da planta diminuindo a produção e peso do grão. O produtor da região vai diminuir o investimento e enfrentar a situação delicada devido ao preço da soja ter caído drasticamente e o investimento que fizemos em insumos. A soja estava na faixa de R\$ 130, R\$ 135 e hoje ela está R\$ 101. Isso vai interferir, vai trazer uma situação de atenção para a sociedade em si, como também para os produtores, porque o custo é elevado, tecnologia de alto investimento para a gente ter uma saúde financeira.

Segunda safra: Para segunda safra ainda estamos calculando os investimentos após a colheita da safra verão, pois dependemos da janela de plantio para o milho. A princípio é investir no plantio da área com milho safrinha.

Expedição Safra Goiás: A iniciativa da expedição no campo foi importante, porque o pessoal técnico sai a nível de campo, tendo um olhar clínico de quem tem mais. Esperamos que com isso possa trazer uma direção mais próxima da realidade do que acontece em campo. Porque quando a gente está em escritório, mais fechado, não tem o conhecimento da realidade direta do campo. Então, a expedição é uma boa iniciativa da Faeg, um acompanhamento como esse ajuda a buscar melhorias para incrementar mais o nível de campo. O conhecimento é que dá uma noção, um norte para o homem do campo estar melhor assistido financeiramente, politicamente e trazer melhorias para a classe para ter condições de continuar na atividade.

Clima deve impactar a safrinha, mas diversidade de culturas surge como oportunidade

Para especialista do setor, os extremos climáticos, que têm ocorrido por influência do fenômeno El Niño, ainda são desafios a serem vencidos no campo. Na tentativa de melhoria, documento é entregue ao Mapa com medidas de apoio aos produtores rurais

Fernando Dantas, especial para a Revista Campo

Quem trabalha com agricultura sabe que a chegada de janeiro representa o momento de iniciar a segunda safra, mais conhecida como safrinha. Porém, para o período 2024, ainda pairam incertezas e desafios para o agricultor. É que o El Niño causou importantes mudanças na safra 2023/2024, que devem se estender para a safrinha também. Com isso, todo um calendário pode ficar prejudicado e ao mesmo tempo afetar plantios e produtividade de lavouras. É o que avaliam especialistas do setor.

O assessor técnico da Federação da Agricultura e Pecuária de Goiás (Faeg), Leonardo Machado, destaca que para a segunda safra o maior desafio continua sendo o climático. Ele reforça que apesar de previsões apontarem para uma redução dos efeitos do El Niño até a transição do início do La Niña, as chuvas vão continuar desafiando a safrinha. “Mais do que isso, o próprio atraso no plantio da soja, neste ano, vai fazer com que as janelas sejam muito mais apertadas”, informa.

Em algumas regiões no estado, de acordo com ele, o plantio do milho, por exemplo, irá até o dia 20 de fevereiro, enquanto em outras, até 29 de fevereiro. “Então, tudo isso aí é o grande desafio, porque a gente vai ter uma colheita que tende a ter um atraso maior. Todo esse atraso acaba prejudicando o plantio da safrinha. Essa semeadura do milho vai ser um grande desafio ao agricultor, porque a tendência que a gen-

te tem observado deve ser de uma redução na área plantada do milho de safrinha. O produtor já vai ter uma menor rentabilidade na safra 2023/2024 e aí o risco da safrinha se torna ainda maior quando a gente trata de rentabilidade também”, explica.

Oportunidades

Mas nem só de desafios vive o agricultor para a segunda safra. Oportunidades devem ocorrer no período e é preciso atenção do produtor em relação a isso. Na avaliação de Leonardo, uma delas está ligada à questão dos preços. “Com todo esse desafio produtivo, os preços tendem a ter melhorias. A gente está vendo isso nesse momento. E pode gerar, caso consiga produzir bem, boas rentabilidades para o produtor de milho, de sorgo. Outro ponto que podemos considerar também são as opções de cultivos para a safrinha. Hoje está tendo um leque muito maior de opções de safrinha, não é só o milho, não é só o sorgo. É o girassol, é o trigo, é o arroz, tudo são culturas que tendem a ter um crescimento expressivo”, relata.

O assessor técnico da Faeg pontua que o sorgo tende a crescer na segunda safra, assim como girassol. “Se for para colocar em um ranking, acreditamos que o milho vem como primeira opção, é claro, tendo sorgo e girassol como segunda e terceira. Mas temos ainda trigo e arroz ganhando espaço na produção agrícola do Estado como segunda sa-

frinha. E além de tudo isso, outras culturas têm crescido demais, como o gergelim, e ajudam a compor a safrinha em Goiás”.

Rentabilidade, custo e comercialização

Em relação à rentabilidade, no momento, Leonardo reforça que o que tem proporcionado melhores condições financeiras, ou seja, melhores rentabilidades, são girassol, trigo e arroz. “Essas três culturas têm proporcionado uma boa rentabilidade, caso, lógico, consigam boas produtividades. O milho e o sorgo vêm se desenvolvendo, os preços têm se elevado e podem também dar uns resultados positivos. Porém, tem que sinalizar e esperar mais para frente para fazer essa avaliação”, ressalta.

Já os custos ainda são dilema ao produtor. “Uma vez que se tem pacotes tecnológicos que perfazem grande parte do custo, eles dificilmente podem ser reduzidos, porque se o agricultor reduz esse pacote tecnológico, isso reflete diretamente na produtividade”, diz.

Mas como o produtor pode trabalhar a redução de custos? A resposta, de acordo com Leonardo, são os ganhos operacionais, o melhor dimensionamento de parque de máquinas, operações com custos menores, com mais efetividade, a questão do custo financeiro, trabalhar taxa de juros com mais condizentes que conseguem reduzir esse trabalho. “Então, tudo isso são pontos que podem ser melho-

rados no custo de produção dele. Além da questão de pesquisar, vem várias opções do pacote tecnológico. A gente sabe que muitas vezes alguns produtos podem variar bastante de empresa para empresa. É trabalhar bem essas coisas para serem de forma mais eficiente”, acrescenta.

Já a comercialização pode ser avaliada como um desafio também para o agricultor. “Se a gente pensar que milho e sorgo são produtos que o mercado usa bastante de forma volátil, depende bastante de como vai ser a produção, mas a tendência desses produtos no momento é de alta. O girassol e o arroz têm proporcionado, nesse momento, excelentes rentabilidades, porque eles vêm do mercado internacional bastante positivo nesse momento. Já o trigo, revela Leonardo, vem correndo por fora, e também surge com uma boa opção, com uma boa rentabilidade. Mas falando de milho e sorgo, que são os principais, o produtor tem que ficar bastante atento para ver como é que vai ser a área plantada, como vai ser a produção, porque a tendência é que tenha uma produção menor, e se a demanda continuar crescente, nós vamos ter sempre boas perspectivas de preço”, finaliza.

Previsão de produção de grãos/ opções para segunda safra

Milho Segunda Safra

Produção: **9,34 milhões de toneladas**
Produtividade: 5,6 toneladas por hectare
Área: 1,65 milhões de hectares

Girassol

Produção: **46 mil toneladas**
Produtividade: 1,4 toneladas por hectare
Área: 32,6 mil hectares

Sorgo

Produção: **1,27 milhão de toneladas**
Produtividade: 3,3 toneladas por hectare
Área: 384,7 mil hectares

Fonte: Conab/Janeiro de 2024

CNA apresenta ao Mapa medidas para enfrentar adversidades climáticas

O presidente do Sistema Faeg/Senar/Ifag e vice-presidente da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), José Mário Schreiner, entregou no dia 31 de janeiro ao ministro da Agricultura e Pecuária, Carlos Fávaro, um ofício com medidas de apoio aos produtores rurais impactados pelas adversidades climáticas na safra 2023/2024. O documento traz propostas para minimizar os prejuízos causados pela intensificação da seca e ocorrência de chuvas excessivas, em virtude do fenômeno El Niño, que resultaram em danos substanciais às plantações e rebanhos em várias regiões do país.

O material foi construído em conjunto com as Federações de Agricultura Estaduais e concluído em reunião da Comissão Nacional de Política Agrícola da CNA. As propostas têm como objetivo atender às necessidades específicas de cada região e as cadeias produtivas afetadas. Segundo José Mário Schreiner, os efeitos do El Niño serão sentidos até o início do outono e há possibilidade de quebra de safra na produção de soja e milho em algumas regiões, o que tem gerado preocupação aos produtores rurais.

“Esse cenário nos fez antecipar algumas medidas necessárias para apoiar o setor. Quando antecipamos os fatos e levamos para o governo essa preocupação em relação aos prejuízos na produção, sem dúvida isso gera uma discussão interna e a busca por uma solução no curto e médio prazo”, disse.

De acordo com o ofício, os efeitos do El Niño, aliado a questões mercadológicas, como redução nos preços de diversos produtos agropecuários, geraram considerável instabilidade

aos produtores brasileiros e muitos enfrentam obstáculos para cumprir com os compromissos financeiros previamente contratados. Nesse sentido, as sugestões de medidas incluem seis grandes propostas, divididas em dois temas: crédito rural e comercialização.

No documento, a Confederação solicita a prorrogação de operações vigentes em um período mínimo de 12 meses, mantendo as condições inicialmente acordadas, incluindo as taxas e encargos, além de simplificar os formulários de comprovação de perdas. A entidade também propõe a renegociação de operações de crédito vencidas, que não puderam ser liquidadas devido às condições climáticas adversas. Ainda, foi solicitado que os formulários de comprovação de perdas sejam simplificados, dada a urgência do pleito.

Outra proposta é a antecipação das linhas de pré-custeio, com condições especiais de taxas e prazos. A medida vai ajudar a reduzir os riscos associados à atividade agrícola, possibilitando a recuperação da capacidade produtiva e proporcionando um alívio financeiro para as propriedades rurais.

No ofício, a Confederação sugere também a implementação de instrumentos de apoio à comercialização, a fim de reduzir as flutuações na renda dos produtores rurais, garantindo uma remuneração mínima e o acesso a itens essenciais para a produção, por meio de vendas diretas.

A CNA pede a atualização dos preços mínimos; a oferta dos Prêmios Equalizador Pago ao Produtor (PEPRO) e para o Escoamento do Produto (PEP); a continuidade das Aquisições do Governo Federal (AGF); o fortalecimento do Programa de Venda em Balcão com melhores condições e a ampliação do Programa de Garantia de Preço para a Agricultura Familiar (PGPAF).

Por fim, a CNA solicita diálogo para as questões de gestão de riscos, consideradas relevantes principalmente para amparar os produtores em casos de problemas com o clima. A entidade espera que, no próximo plano safra, o Seguro Rural seja reforçado e conte com dispositivos de assistência em casos de catástrofes. (Informações da CNA)



Presidente do Sistema Faeg/Senar/Ifag e vice-presidente da CNA, José Mário Schreiner entregou ao ministro da Agricultura Carlos Fávaro documento com medidas de apoio aos produtores

Oportunidade para reduzir custos e garantir sustentabilidade no campo

Cresce uso de biogás na agropecuária, mas há espaço para mais investimentos no setor. Senar Goiás reconhece a importância e oferece, além de treinamento, Assistência Técnica e Gerencial (ATEG)

Fernando Dantas, especial para a Revista Campo

Buscar formas sustentáveis de diminuir possíveis danos ao meio ambiente e ao mesmo tempo reduzir custos na agropecuária têm sido estratégias de quem atua no campo. Uma das ações encontradas pelo produtor é o uso cada vez maior de fontes renováveis de energia. Segundo dados da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), unidade Agroenergia, localizada no Distrito Federal, se metade das pequenas e médias propriedades pecuárias brasileiras produzissem gás a partir de resíduos orgânicos, haveria uma economia total de R\$ 1,45 bilhão anualmente. Esse é o valor que 504 mil fazendas, metade das que mantêm entre 10 e 100 cabeças de gado, economizariam ao deixar de

comprar o botijão de gás liquefeito de petróleo (GLP).

Já em relação ao impacto ambiental, 595,2 mil toneladas de dióxido de carbono (CO₂) equivalente deixariam de ser emitidas a cada ano. A redução é resultado da substituição de um combustível fóssil (GLP) por outro de fonte renovável, que é o biogás. Todas essas estimativas são resultado de estudo realizado por pesquisadores da Embrapa Agroenergia, a partir de dados coletados de um biodigestor instalado em caráter experimental em uma propriedade em Luziânia (GO).

Para explicar melhor a importância desse recurso, a Associação Brasileira do Biogás (Abiogás) define bem o que é o biogás: uma fonte de energia renovável, produzida a partir da

degradação de materiais orgânicos tais como resíduos e efluentes e outras fontes de biomassa com grande potencial econômico, ambiental e social. O aproveitamento energético desses materiais, por meio da produção do biogás, contribui para a sustentabilidade e a eficiência energética de importantes setores econômicos, como a agropecuária.

De acordo com informações da Abiogás, o Brasil tem um potencial de produção que não se compara a qualquer outro país do mundo e, exclusivamente, a partir de resíduos. Isso significa que o biogás consegue ampliar a geração de energia sem a necessidade de plantar ou inutilizar áreas de cultivo, apenas aproveitando, para fins energéticos, os resíduos hoje desperdiça-



dos e que já estão gerando emissões de gás metano.

Por se tratar de uma fonte de energia limpa, renovável, produzida a partir de resíduos e com aplicação em diversos setores, a Associação explica que o biogás é um bem econômico promotor da Economia Circular e da descarbonização. A Abiogás revela que apesar da queima do biogás gerar emissões de carbono, trata-se de uma fonte de energia que não aumenta a concentração de carbono na atmosfera, diferentemente dos combustíveis fósseis, os quais liberam quantidades expressivas de carbono estocadas há milhões de anos.

Ainda de acordo com a entidade,

o aproveitamento de resíduos para geração de energia permite integrar ciclos materiais e energéticos dos recursos, possibilitando economia de bens naturais, evitando a contaminação e sobrecarga do meio ambiente e promovendo novas cadeias produtivas e novos negócios. Dessa maneira, a tecnologia do biogás é também uma solução para o tratamento dos resíduos rurais, industriais e do saneamento, permitindo um melhor uso da terra, melhorando a produtividade e contribuindo para o alcance de compromissos com o meio ambiente.

Trazendo mais estatísticas que comprovam a relevância da utilização de biogás, levantamento feito

pelo Centro Internacional de Energias Renováveis e Biogás (CIBiogás) revelou que 114 novas unidades de biogás começaram a operar em 2022, expansão de 15% em relação a 2021. Com esse resultado, o Brasil passou a ter 936 plantas instaladas, sendo que 885 estão em operação produzindo aproximadamente 2,8 bilhões de metros cúbicos por ano (Nm³ /ano) de biogás com aproveitamento energético

O estudo foi intitulado de “Panorama do Biogás no Brasil em 2022” – que é o mais recente no país – e mostra que entre as aplicações energéticas do biogás, o destaque foi para produção de biometano – obtido a partir da purificação do bio-

Atributos do biogás

Ambientais

- Tratamento e valorização de resíduos e efluentes conforme a PNRS;
- Solução para a emissão de metano que ocorre naturalmente quando não há tratamento adequado de resíduos;
- Mitigação das emissões de GEEs pela substituição de combustíveis fósseis;
- Oportunidade de captura e estocagem de CO₂, tornando as emissões do processo negativas;
- Tratamento de resíduos que também promove melhoria da qualidade da água e solos, inclusive com o retorno do Carbono do digestato para o solo;
- Reciclagem de nutrientes na forma de biofertilizante, substituindo fertilizantes químicos e preservando reservas minerais;
- Melhoria da qualidade do ar das cidades;
- Melhoria das condições em aterros sanitários;
- Geração de créditos e carbono que podem ser utilizados para abatimento de emissões em outros setores.

Sociais

- Aumento da qualidade de vida da população pela melhoria na qualidade do ar nas cidades e nas condições sanitárias relacionadas a gestão dos resíduos urbanos e rurais;
- Estímulo à geração de empregos e capacitações em diferentes áreas de atuação: operação e construção dos biodigestores, indústria de máquinas e equipamentos e laboratórios de análises químicas;
- Estímulo a outros serviços: gestão e planejamento, vendas, comunicação, análise de dados e tecnologia da informação;
- Estímulo à Pesquisa, Inovação, Ensino e Capacitação;
- Desenvolvimento e inclusão social no interior do país e em áreas rurais;
- Promoção da equidade de gênero em diferentes áreas de atuação e em ambientes rurais.

Econômicos

- Aumento da segurança energética do país;
- Valorização da indústria nacional, com a utilização de máquinas e equipamentos produzidos no país;
- Redução das importações de máquinas, equipamentos e combustíveis fósseis;
- Aumento da competitividade da indústria nacional com oportunidades de descarbonização a custos mais baixos;
- Estímulo à fabricação nacional de veículos pesados a gás natural/biometano;
- Redução de custos com infraestrutura de transporte, escoamento e importação de combustíveis;
- Redução de custos de insumos e combustíveis para indústrias;
- Uso de resíduos (materiais de baixo valor) e conversão destes em produtos de alto valor agregado (amônia, metanol e hidrogênio verde);
- Geração de emprego e renda, em especial no interior do país;
- Receita adicional com a comercialização de créditos de carbono;
- Alinhamento com políticas de crescimento verde e os objetivos do desenvolvimento sustentável.

Fonte: Abiogás

gás –, com crescimento de 82% no número de unidades no país. Apesar de o número pequeno de unidades produtoras, elas convertem 22% do biogás produzido no Brasil em cerca de 359,8 Nm³/ano de biometano, o suficiente para rodar 900 milhões de quilômetros por ano com veículos pesados.

A geração de energia elétrica se destaca também e apresentou aproximadamente 86% das plantas em operação no Brasil, o que representa a geração de 2,08 bilhões de Nm³/ano, ou seja, 72% do biogás em 2022. De acordo com a CIBiogás, as usinas estão geralmente localizadas em regiões de agropecuária e no

ponto final da rede de distribuição.

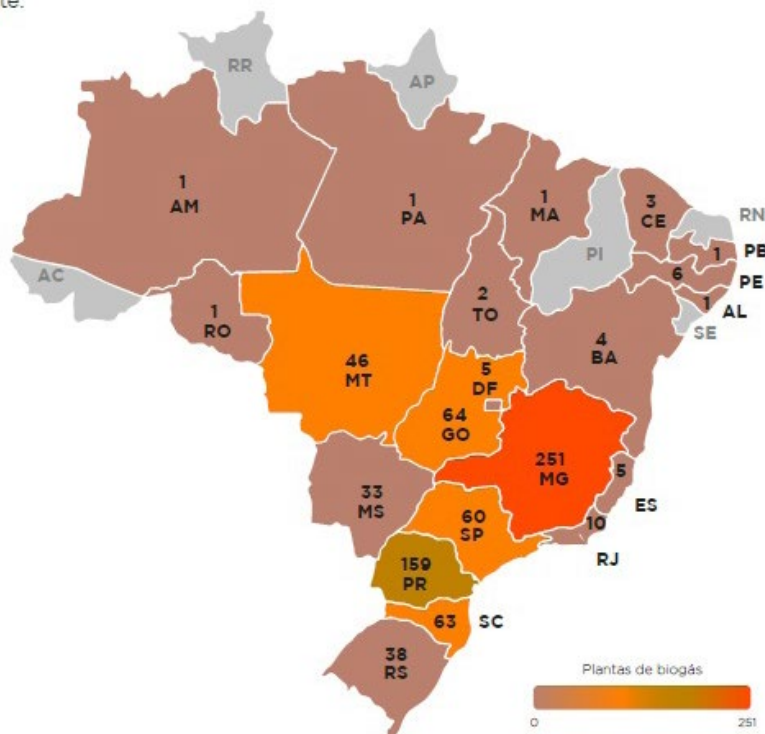
O levantamento de dados ocorreu entre os meses de abril/2021 e março/2022 e o resultado, objeto do documento, compreende apenas unidades produtoras de biogás que tiveram sua construção, operação ou aplicação energética iniciada até o ano de 2021.

Mapa do Biogás no Brasil

Santa Catarina e Goiás registraram crescimento de 28% e 24% no número de plantas, em operação, respectivamente.



Crescimento do número de plantas de biogás, em operação, com aproveitamento energético, por estado. (2020-2021)



Atuação no campo

O Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar Goiás) oferece cursos e Assistência Técnica e Gerencial (ATeG) na área de energia renovável. O foco principal é realizar capacitações e levar informações para desenvolvimento de equipamento que gere produção de biogás e biofertilizantes, um dos eixos de sustentabilidade do agronegócio. O técnico de Campo do Senar Goiás em Horticultura, Luciano Alves Ferreira, orienta que o biogás na propriedade rural, especialmente na parte econômica, é bem viável. “Boa parte do gás que seria utilizado na produção de alimentos vem do biogás. Então, já é uma economia muito boa. E também, na questão social, mais produtores da agricultura familiar, por exemplo, percebendo que a atividade econômica é viável, mais pessoas podem

aderir ao projeto. Na questão ambiental, contribui muito em relação aos restos, aos dejetos que seriam, às vezes, destinados ao meio ambiente ou descartados de forma incorreta. São restos de alimentos, o próprio esterco de curral. Todo esse material pode ser transformado e depois retornar para a propriedade em forma de energia e fertilizante, contribuindo novamente com a questão econômica, que você deixa de gastar com adubos químicos”, explica.

Luciano acrescenta que produzir biogás traz benefícios até para o solo, porque além de gerar energia, resulta nos biofertilizantes que melhoram a qualidade da terra e a diversidade da flora. “Vai se transformando em uma atividade, em um ciclo que sai da produção, vai para o biogás, que vai para a cozinha, que depois volta de novo para o biogás,

que transforma em nutrientes que vai para o solo, depois vem de novo para o cultivo. É um ciclo relevante para o agro”, informa.

Para ele, é importante cada vez mais levar informações, principalmente para quem atua com agricultura familiar. “É uma forma de ajudar a reduzir custos no campo. Hoje a gente busca uma agricultura sustentável e a pequena propriedade precisa ter esse caráter de sustentabilidade. Para isso, é preciso dar condições para ele conseguir se equipar e investir na atividade. Resulta, ainda numa vida mais saudável para a família e retorno financeiro, que é importante também. Talvez o investimento parece alto para a pequena produtora da agricultura familiar, mas com orientação adequada essa realidade muda”, reforça. Luciano diz que uma propriedade que consome



Divulgação Embrapa

Biodigestor pode ser construído na propriedade rural

um ou dois botijões de gás por mês, investindo em um biodigestor pode deixar de gastar 100% desse botijão e ter um retorno financeiro.

O técnico de Campo ressalta exata-

mente que produzir o biogás não é tão difícil. “É uma caixa de alvenaria, uma caixa pequena de alvenaria e tem a questão onde ela vai depositando o material orgânico que vai decompondo e vai transformando em gás. Não tem o custo muito caro. Se for uma quantidade que o produtor vai usar para sustentar uma pequena propriedade e a residência, o custo razoavelmente é baixo e o manuseio é simples. Conforme vai alimentando a composteira, vai se produzindo gás”. Ele destaca que isso pode ser feito a partir de esterco verde do gado, de suíno e até resto das culturas que são produzidas na propriedade, como batata e abóbora.

O agricultor Realino Lopes Pereira, de 40 anos, trabalha com a produção de mandioca para industrialização de farinha, além de couve, fruta, alho e batata-doce em Orizona (GO). Com

apoio do Senar Goiás e da Universidade Federal de Goiás (UFG), construiu um biodigestor em sua propriedade rural. Ele conta que é uma caixa de três mil litros para uso próprio. “Utilizo dejetos animais e restos de comida, como casca de mandioca e batata para alimentar o sistema e produzir o biogás. Além da energia, produzo biofertilizante que é aplicado nas plantas”, comenta.

Sobre o retorno econômico, ele informa que investiu R\$ 4 mil para fazer o biodigestor e está economizando cerca de mil reais por ano com o uso do biogás. “Agora eu só compro um botijão por ano, só mesmo para alguma emergência. Acho que vale a pena sim investir na produção de energia a partir dos dejetos que a gente produz na propriedade. É um retorno importante para o bolso do produtor”, reforça.

Primeira planta de biogás a partir da vinhaça em Goiás

A Jalles, agroindústria do setor sucroenergético nacional, e a Albioma, empresa francesa especialista na geração de energia a partir da biomassa, inauguraram, em setembro de 2023, a primeira planta de biogás a partir da vinhaça no Estado de Goiás, com investimentos de R\$ 30 milhões. A planta está localizada na Unidade Otávio Lage, em Goianésia (GO), que produz açúcar, etanol e energia elétrica a partir da cana-de-açúcar.

Para produção de cada litro de etanol são produzidos cerca de 13 litros de vinhaça, que é utilizada como biofertilizante nos canaviais, por ser rica em nutrientes, como potássio, fósforo e nitrogênio. Com a planta de biogás, antes de ir para o campo, a vinhaça, que também possui açúcares em sua composição, é enviada a um reator anaeróbio (um reservatório sem presença de oxigênio), onde se torna fonte de matéria orgânica para microrganismos. Nesse processo, é produzido o biogás, um composto de três gases: Metano, Dióxido de Carbono e Sulfídrico.

O biogás é enviado à caldeira, por meio de tubulações, onde entra junto com o bagaço da cana, incrementando a geração de energia elétrica. O reator tem dimensões de 176x96m e 12 metros de profundidade e capacidade de produção de 6.000 m³/h.

Com a queima do biogás na caldeira, 22GWh são exportados para o Sistema Interligado Nacional, quantidade suficiente para abastecer uma cidade de aproximadamente 30 mil habitantes por ano.

As vantagens ambientais da planta de biogás são várias, já que após passar pelo reator, a vinhaça é utilizada no campo como biofertilizante, com pH mais próximo da neutralidade, o que pode contribuir para sua melhor absorção no solo. Além disso, há um incremento na cogeração de energia a partir de mais uma fonte renovável, contribuindo para a descarbonização e transição energética. No futuro, existe a possibilidade de implementar um outro processo na planta para produzir biometano, que pode substituir, por exemplo, o diesel.

“Um dos nossos valores é a inovação que está a serviço do bem-estar e, com essa planta de biogás, inovamos mais uma vez, trazendo para Goiás uma tecnologia para ampliar a geração de energia limpa, contribuindo com o meio ambiente”, explica o diretor-presidente da Jalles, Otávio Lage Filho.

“Além da produção de eletricidade a partir do bagaço de cana-de-açúcar com os nossos parceiros da Jalles, o setor sucroenergético brasileiro

oferece alternativas de investimento atrativas para a Albioma na produção de biogás e biometano. Este projeto mostra as oportunidades comerciais significativas que existem num contexto de demanda crescente por combustíveis renováveis tanto no Brasil como globalmente”, ressalta o diretor-presidente da Albioma, Christiano Forman.

CDA e Caldeira

Além da planta de biogás, na ocasião, também foi inaugurada a nova caldeira, com capacidade de produção de 210 mil kg/h de vapor, investimento de aproximadamente R\$ 90,5 milhões. Na caldeira, o bagaço da cana é queimado, produzindo gases quentes que trocam calor com a água, transformando-a em vapor. Esse vapor move as turbinas, gerando energia elétrica, que é utilizada para abastecer toda a planta industrial da Unidade Otávio Lage e comercializada, sendo exportada para o Sistema Interligado Nacional. A cogeração de energia é feita em parceria com a Albioma e a planta tem capacidade para produzir 390 GWh por safra, dos quais 226 GWh são exportados para o Sistema Interligado Nacional, quantidade suficiente para abastecer uma cidade de aproximadamente 300 mil habitantes por ano.

Programa transforma a realidade de jovens e de toda sociedade em Goiás

Na última edição, realizada em 2023, grupo de Americano do Brasil levou o primeiro lugar após conseguir atender 26 mil pessoas em 41 ações ao longo de 11 meses

Alexandra Lacerda | alexandra.lacerda@senar-go.com.br

O Faeg Jovem tem registrado números que confirmam sua consolidação como maior programa de formação de novas lideranças, de empreendedorismo e de sucessão familiar no Brasil. A edição 2023 chegou ao fim premiando as melhores ações desenvolvidas por jovens integrantes de 182 grupos, totalizando quase 2.800 participantes em todo o estado de Goiás.

O último tema trabalhado foi volta-

do ao empreendedorismo aplicado à produção rural, com o nome “Plantar hoje, colher amanhã, empreender sempre”. O objetivo é proporcionar apoio aos produtores rurais para as necessidades vividas no campo. “Partindo do princípio que o produtor rural faz muito bem o trabalho dentro da porteira, esses jovens, com toda a vivência do mundo globalizado, têm potencial de apoiar nessa acessibilidade de mercado, no desenvol-

vimento das ações de marketing e vários outros quesitos relacionados à comercialização. Então, sempre trabalhamos durante todo ano a criação do potencial, da margem de renda, da atividade agropecuária, das propriedades rurais do estado de Goiás”, explica a coordenadora do Faeg Jovem, Carolina Berteli.

O diretor técnico do Senar Goiás, Leonnardo Cruvinel Furquim, destaca o movimento promovido em cada mu-



nício onde hoje existe um grupo Faeg Jovem. “São números que impressionam e que mostram a capacidade e o quanto esses grupos têm contribuído no dia a dia do campo e nas cidades do interior do estado”, celebra Furquim.

Para o superintendente do Senar Goiás, Dirceu Borges, as ações do Faeg Jovem nos municípios, no quais os grupos realizam os trabalhos tanto técnicos como sociais, é muito importante não só para esses jovens que estão à frente das ações, mas principalmente para aquelas pessoas que são impactadas diretamente. “Esses jovens trabalham com a comunidade onde estão inseridos. Eles amparam pessoas que estão necessitando de alguma ajuda arrecadando, por exemplo, através de campanhas, alimentos, agasalhos e distribuindo por meio desses programas sociais voltados à população carente. Além disso, existem os eventos técnicos que são realizados e impactam diretamente os nossos produtores rurais. O resultado é muito positivo, além, claro, de preparar esses jovens para o futuro, com objetivo de se tornarem líderes dentro dos seus municípios contribuindo para o agro do nosso estado”, comemora o superintendente.

Exemplo

Diante de números tão expressivos surge a curiosidade de saber o que

fez o grupo vencedor do concurso 2023 para conquistar o primeiro lugar. O grupo Faeg Jovem de Americano do Brasil conquistou o primeiro lugar do concurso em 2023 com projetos bem ousados, levando mudanças à vida dos produtores e produtoras rurais, com novas perspectivas empreendedoras, criando um e-book educativo sobre GTA [Guia de Trânsito Animal], e-commerce para uma fazenda da região, além de atuação na consultoria para a comercialização de gado leiteiro e a limpeza e desassoreamento do Córrego Estreito da Mata.

O trabalho foi realizado em parceria com Sindicato Rural de Anicuns e

outras entidades, como a Prefeitura de Americano do Brasil, a Prefeitura de Anicuns, o Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae Goiás), Faeg Jovem de Anicuns e o próprio Senar Goiás. “A parceria foi o ponto alto e importante das ações deste grupo. Ao longo da implantação do projeto, cerca de 26.192 pessoas foram impactadas de maneira positiva. Todas essas ações foram guiadas pelo princípio e genuíno interesse em contribuir para a mudança na vida dos produtores rurais, oferecendo novas ferramentas e perspectivas empreendedoras”, conta a coordenadora do grupo, Cibele Silva.



Equipe premiada na edição de 2023

Fredox Carvalho

Projetos realizados 2023

- **175 ações** com a temática proposta
- **2.000 produtores** cadastrados para assistência técnica gerencial do Senar Goiás.
- **700 barracas** de feiras atenderam produtores rurais
- Presente em **100 feiras livres**
- **500 eventos** técnicos
- **+ 600 eventos** sociais
- **316 mil pessoas** beneficiadas

2024

Para este ano, o novo desafio foi lançado e o tema escolhido é “Do pequeno ao grande, Goiás é agro”. O assunto foi pensado estrategicamente para conciliar ações sociais e qualificação profissional. “A proposta é justamente para que a gente possa vincular a programas como assistência técnica e gerencial no cenário, mostrando que independente da cadeia produtiva, do tamanho da propriedade rural, o produtor seja ele pequeno ou grande, tudo é agro. Seja o produtor de alface, de hortaliça, de frutas, de grãos, de leite, pecuária de corte, todos são produtores e tudo é agro, independente da cadeia produtiva, nós queremos que esses jovens desenvolvam ações produtivas para o setor no decorrer do ano de 2024”, conclui Dirceu.



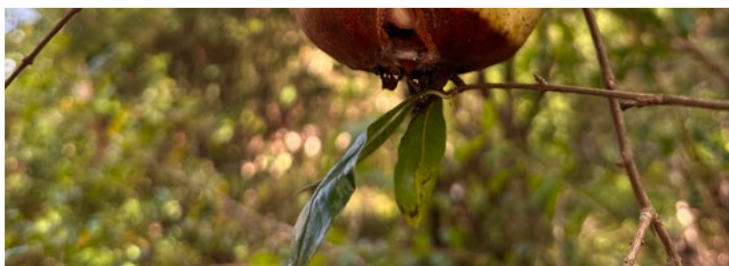
Fredox Carvalho



Fredox Carvalho

Romãs rachadas

Revana Oliveira | revana@sistemafaeg.com.br



Divulgação

Envie suas dúvidas

A Revista Campo abre espaço para responder dúvidas dos nossos leitores sobre produção, cultivo, criação, ações do Sistema Faeg Senar, entre outros assuntos. Envie suas perguntas para o e-mail revistacampogoiias@gmail.com. Participe!

A Joelma Cristina, moradora de São Miguel do Passa Quatro, tem um pé de romã bem grande no quintal da chácara dela. A cada produção mais frutas estão rachando e ficando pretas. Ela pediu ajuda de algum especialista do Senar Goiás, para explicar o que causa esse problema.

Dúvida | Como resolver?

Resposta: Entre as principais causas estão as doenças causadas por fungos. Essas doenças frequentemente se manifestam com manchas nas folhas, queda prematura ou outros danos, sendo que, por vezes, o fruto é o único alvo. Aplicar fungicida de cobre, ou calda bordalesa no início do crescimento dos frutos na próxima temporada pode ser eficaz, eliminando os esporos antes que afetem os frutos e causem mais problemas de divisão. Outra causa comum da ruptura da fruta da romã, similar a outras frutas, é a irregularidade na rega. Durante fases cruciais do desenvolvimento, é vital que a água seja fornecida de maneira regular e uniforme. Para prevenir a divisão, aplique uma camada generosa de cobertura morta, e inicie um programa de irrigação quando as flores começarem a cair. Regue de forma consistente a cada poucos dias, evitando encharcar as raízes. A cobertura morta minimizará a evaporação. Cuidado para não exceder na quantidade de água, pois o excesso pode favorecer o desenvolvimento de fungos que causam a divisão dos frutos. Ajuste a rega conforme a estação, reduzindo-a significativamente ao se aproximar da época das chuvas.



Dúvida respondida pelo supervisor de Fruticultura do Senar Goiás, Lincoln França

Mitos e verdades

Flores de cores diferentes na mesma planta sem enxerto?

O João Alberto, morador de Goiânia, ficou intrigado com um pé de Jasmim-Manga que viu na rua. A árvore dá flores brancas e vermelhas em galhos que saem do mesmo tronco. Ele quer saber como isso é possível? É mito ou verdade que algumas espécies podem florir de forma diferente sem serem produzidas por enxerto? Qual a técnica usada para ter esse resultado?



Verdade!



Divulgação

Algumas espécies, incluindo o Jasmim-Manga, têm a capacidade natural de produzir flores de cores diferentes no mesmo tronco, sem a necessidade de enxerto. Isso ocorre devido a uma característica genética conhecida como variação somaclonal. A variação somaclonal refere-se às mudanças genéticas que ocorrem nas células somáticas de uma planta. Essas alterações podem resultar em características fenotípicas diferentes, como a coloração das flores. No caso do Jasmim-Manga, o fenômeno é ob-

servado quando ramos diferentes, ou mesmo flores individuais, apresentam cores distintas. Não é necessário aplicar técnicas específicas para obter esse resultado, pois é uma característica intrínseca à planta. A variação somaclonal é natural e pode resultar em uma diversidade interessante de cores em uma única árvore. Portanto, o fenômeno observado por João Alberto é real e não se trata de mito.



Dúvida respondida pelo engenheiro agrônomo e técnico de Campo do Senar Goiás, Ricardo Máximo Filho

Resultados efetivos e de maior segurança para o campo



Divulgação

Em 2023, o Batalhão Rural se destacou por ações precisas e eficazes, evidenciadas por resultados quantitativos notáveis. O comando transitou do coronel Saliba para o tenente-coronel Fábio Costa em agosto, com o suporte do major Lima. Com mais de 17 mil propriedades

cadastradas, totalizando 84.172 no estado, houve redução de 29% nos roubos e 15% nos furtos. Ações como apreensões de 286 armas de fogo, 59 quilos de drogas e a recuperação de 375 semoventes, 11 máquinas agrícolas e 74 veículos mostraram a efetividade operacional. A recaptura de 476

foragidos, 503 prisões em flagrante e 12 confrontos resultaram na retirada de 991 criminosos da zona rural.

O policiamento rural foi intensificado com patrulhamentos, bloqueios e operações especiais, como Eletro Alvo, Cio da Terra e Força Tarefa. A habilitação para o uso da submetralhadora Benelli fortaleceu o policiamento, enquanto a incorporação de celulares avançados, o lançamento do APPorteira e o suporte técnico da Faeg aprimoraram a comunicação. A aquisição de rádios satelitais fortaleceu a conectividade.

O 2º Curso de Patrulhamento Rural em 2023 resultou em uma tropa altamente eficiente. Enfrentando desafios com resiliência, o Batalhão Rural se destacou em operações críticas, alcançando conquistas notáveis para a segurança rural. Com dedicação, trabalho árduo e espírito de equipe, esperamos mais sucesso em 2024 na promoção da segurança rural.

Decisões inteligentes geram resultados expressivos!

escolha o remineralizador de solos FMX TRATTO

- ↑ Sanidade
- ↑ Recuperação de áreas degradadas
- ↑ Aumento da lucratividade
- ↑ Mais produtividade

Saiba mais:





Soja - 01 a 19/12/2023

Oleaginosa tem um mês de queda na CBOT

O mês de dezembro foi marcado por oscilações da soja na Bolsa de Mercadorias e Futuros de Chicago (CBOT). O cenário de instabilidade climática da América do Sul, além da grande demanda obtida pelos EUA e Brasil fizeram com que o mês de dezembro da oleaginosa fosse de queda.

Sobre o mercado interno da oleaginosa, é importante destacar que houve um avanço na semeadura brasileira devido às precipitações e que os índices estavam em 94,6% da área total até o dia 17 de dezembro. Em Goiás, o índice de semeadura de acordo com o IFAG, realizado dia 13 de dezembro estava em 95%, o ritmo estadual vem sendo puxado pela região sudoeste goiana.

Vale ressaltar que houve a necessidade de replantio em algumas áreas do estado devido a baixas precipitações e altas temperaturas nos períodos importantes para a produção.



Oleaginosa passa por mês de instabilidade na CBOT devido as condições climáticas desfavoráveis na América do Sul, além da alta demanda oriunda da safra 22/23.

Gráfico 1 - Evolução nos preços dos contratos de novembro/23.

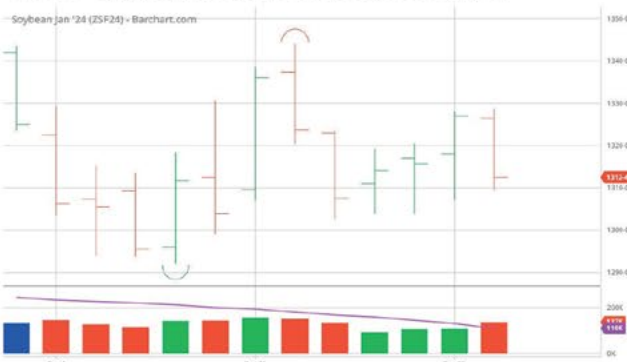


Tabela 1 - Variação do preço médio da soja em Goiás no mês de dezembro de 2023.

Descrição	Valor 01/12	Valor 19/12	Diferença
Soja Disponível	R\$129,00	R\$129,43	R\$ 0,43
Soja Balcão	R\$129,92	R\$122,50	R\$ 1,58
Soja Futuro	R\$114,74	R\$115,56	R\$ 0,82



Milho - 01 a 19/12/2023

Colheita norte-americana influencia preço do cereal

O mercado, assim como em novembro, seguiu oscilando durante o mês de dezembro na Bolsa de Mercadorias e Futuros de Chicago (CBOT) e na Bolsa Brasileira (B3). A instabilidade climática na América do Sul devido aos efeitos do fenômeno El Niño, juntamente com a não realização do milho 2º safra fez com que o cereal tivesse uma tendência altista.

Na B3, os preços do milho balcão caminharam em valorização influenciados pelo atraso da semeadura da oleaginosa, além das previsões que poderá haver uma redução na produção total do milho. Com isso, o milho futuro obteve ganhos durante o mês de dezembro. Vale destacar também o cenário brasileiro, o qual apresenta preocupação na semeadura do milho 2º safra, que poderá ser prejudicada e poderá trazer a migração para produção de outras culturas.

É relevante também, a valorização dos preços no mercado interno goiano, que ocorreu devido aos acontecimentos de uma não realização de plantio 2º safra, que consequentemente influenciou para a alta dos preços.



Instabilidades climáticas e altas temperaturas fizeram com que o cereal valorizasse na CBOT e na B3, porém, a semeadura do milho 2º safra poderá perder em algumas áreas.

Gráfico 1 - Evolução dos preços dos contratos de dezembro/23.

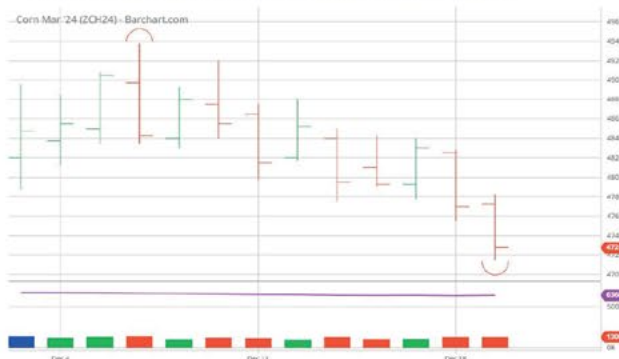


Tabela 1 - Variação do preço do milho em Goiás no mês de dezembro de 2023.

Descrição	Valor 01/12	Valor 19/12	Diferença
Média de Estado	R\$ 49,45	R\$ 56,19	R\$ 6,74
Milho Futuro	R\$ 45,70	R\$ 48,57	R\$ 2,87
Rio Verde	R\$ 50,00	R\$ 56,00	R\$ 6,00



Exportação da carne bovina apresentou variação positiva em dezembro/23

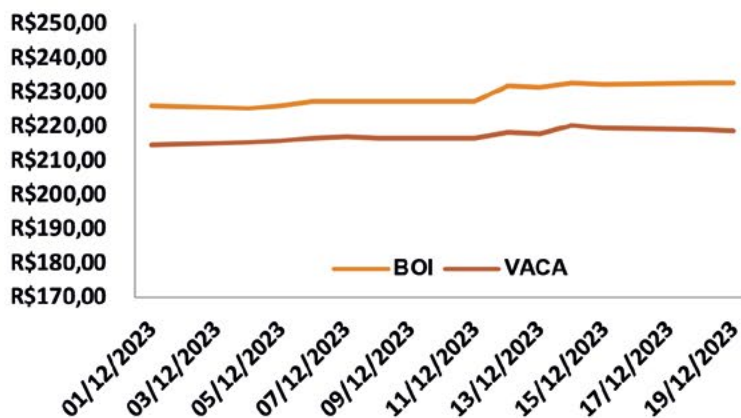
O mês de dezembro/23, segundo dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex), contando 16 dias úteis até a 4ª semana, exportou de carne bovina 166,13 mil toneladas, com uma média diária de 10,38 mil toneladas, número representa acréscimo de 49,5% nos embarques. O preço pago por tonelada também apresentou variação negativa de -8,0%.

No mercado nacional, a média das cotações de boi gordo CEPEA/B3, foi de R\$247,40 no mês de dezembro/23 por arroba, apresentando variação negativa de -2,14%. O mercado do boi gordo enfrenta recente pressão de baixa devido a uma queda na oferta, resultando em escalas de abate reduzidas na indústria.

No mercado regional, segundo dados do IFAG, a média das cotações da arroba do boi gordo foi de R\$229,15 com variação positiva de 3,02% no comparativo mensal. Para vaca gorda a média das cotações foi de R\$ 217,30 também com variação positiva de 1,89% no comparativo mensal.

A escala apresentou a média de 8 a 10 dias durante o mês de dezembro. No mercado de reposição, foi observado acréscimo nos preços e uma maior procura por bezerras (0 a 12 meses).

PREÇO MÉDIO BOI GORDO E VACA GORDA À VISTA EM GOIÁS R\$/@



Fonte: IFAG



Preço do suíno e frango apresenta acréscimo do preço

As exportações no mês de dezembro/23, segundo dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex), contando 16 dias úteis até a 4ª semana do mês, exportou de carne de aves 346,44 mil toneladas, com uma média diária exportada de 21,65 mil toneladas, número que representa elevação de 34,7% nas exportações. O preço pago por tonelada apresentou queda de -13,7% no comparativo com o mesmo período do ano anterior.

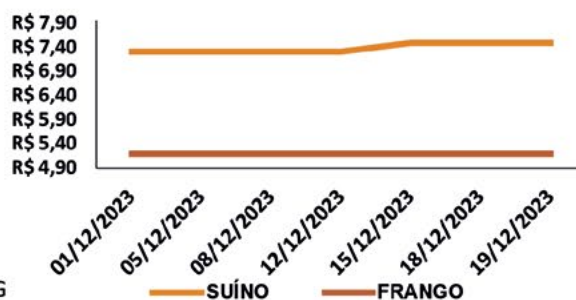
Para carne suína a exportação chegou a 70,88 mil toneladas, com média diária de 4,43 mil toneladas, número que representa acréscimo de 5,3% nas exportações. O preço pago por tonelada de carne suína, apresentou queda de -12,8% da proteína.

Para o mercado regional, segundo dados do IFAG, a média das cotações para o frango vivo no mês de dezembro/23, foi de R\$5,20/kg sem variação no comparativo. A carne suína teve a média das cotações no estado de R\$7,39/kg no comparativo mensal, com variação positiva 2,74%. Os preços do suíno vivo continuam em alta, devido à forte demanda impulsionada pelas festividades de final

de ano. O cenário é promissor para os suinocultores, já que tanto a procura interna quanto as exportações estão em bom ritmo.

O milho, conforme dados coletados e divulgados pelo IFAG, apresentou média de R\$52,44/sc com variação positiva de 13,63% no comparativo mensal. O preço do milho continua a registrar ganhos devido a uma colheita recorde nos EUA e às perspectivas climáticas no Brasil. Os preços no Brasil refletem as incertezas em relação à área plantada e à produção de milho no país em 2024.

PREÇO MÉDIO SUÍNO E FRANGO VIVO EM GOIÁS R\$/KG



Fonte: IFAG



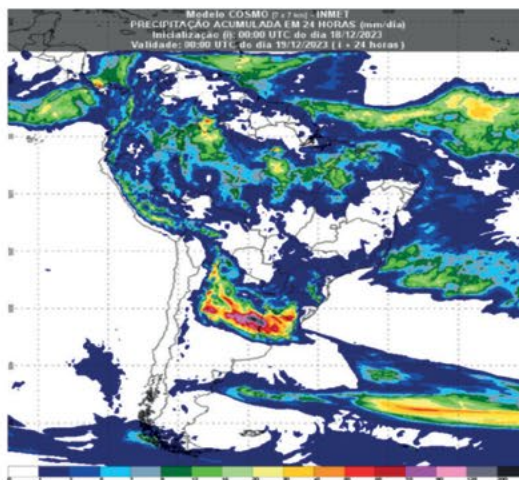
Chuvas permanecem em todo país no mês de dezembro

O mês de dezembro foi marcado por chuvas intensas, em todo o território nacional, e apesar disso, mantiveram as altas temperaturas que chegaram até 36°C no estado de Goiás.

Essas condições climáticas acometem além do estado de Goiás, áreas do sudeste brasileiro. Caso as previsões sejam concretizadas, as chuvas podem persistir até pelo menos a primeira semana de janeiro, para algumas regiões do Brasil.

Apesar da possibilidade de bons volumes das precipitações, o mapa de temperaturas segue apresentando altas, que são justificadas pelo El Niño e também pela chegada do verão no Brasil. Com isso, o dia 22 de dezembro, ocorreu o dia mais longo do ano, também conhecido como solstício de verão.

Figura - Previsões de precipitação



Fonte: NOAA
Elaboração: IFAG



Hortalças apresentam variação mista

De acordo com o boletim da Conab, publicado dia 20 de dezembro de 2023, no CEASA/GO Goiânia, os preços médios das hortaliças como batata, cebola, e tomate apresentaram viés misto, com preço médio de R\$2,95/kg, R\$5,38/kg e R\$4,19/kg e variações de (18,10%), (35,79%) e (-10,36%) respectivamente.

Para o mercado das frutas, a tendência já foi predominantemente de avanço, com os seguintes preços médios e variações referentes ao mês de novembro, Laranja R\$2,28/kg (6,64%), Maçã R\$7,04/kg (5,27%), a banana cresceu 13,52% e ficou a R\$ 5,33/Kg, a Melancia foi a fruta que apresentou a maior variação positiva, com preço médio de R\$3,54 e (27,87%). Já o mamão, foi a única fruta que apresentou variação negativa no mês de novembro, a média foi R\$3,50/kg apresentando queda de (-26,72%).

Com o boletim hortigranjeiro, podemos também analisar a quantidade total de frutas e hortaliças comercializadas. As hortaliças em Novembro/23 totalizaram 413,28 milhões de kg, frente a 420,5 mi/kg do mês anterior, sendo novembro, com variação negativa de -1,7%. Para as frutas, a tendência já foi altista na quantidade, em novembro foram comercializadas

420,37 mi/kg frente a 402,84 mi/kg do mês anterior, com variação positiva de 4,40%.

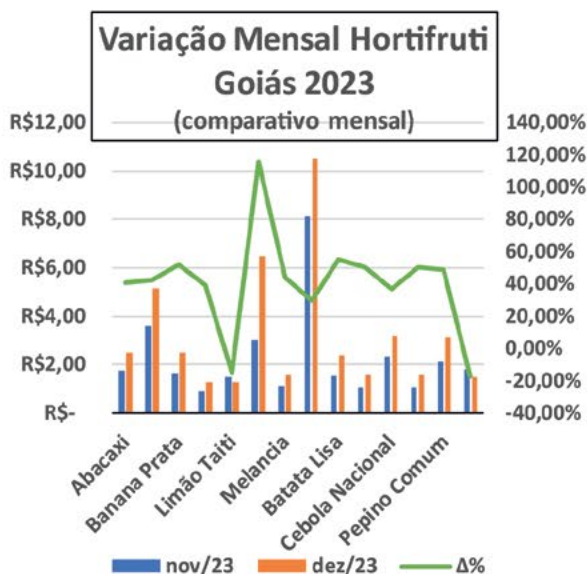


Gráfico - Comparativo da Variação Mensal do Hortifruti no Estado de Goiás

Fonte: Associação de produtores - Ceasa-GO;
Elaboração: IFAG

Figo: fruta ou flor?

Receita elaborada pela participante do Festival, em Anápolis, em 2022, Rosângela Alexandre dos Santos

Alexandra Lacerda | alexandra.lacerda@senar-go.com.br

Ingrediente que rende deliciosas sobremesas, seja em calda, cristalizado ou recheado, o figo tem sua safra entre os meses de janeiro e março. Mas ao contrário do que muita gente pensa ao achar que estão se deliciando com uma fruta, não imaginam que é uma flor. Sim, na verdade, uma inflorescência, só que virada para dentro, como um cesto tapado repleto de minúsculas florzinhas. E como toda flor, elas precisam ser polinizadas. Quem faz o trabalho é uma vespa minúscula, a vespa-do-figo (*Blastophaga psenes*), que tem apenas 1 mm e consegue entrar pelo pequeno orifício que o figo tem na ponta, num processo chamado mutualismo — um depende do outro.

Como no Brasil não existe a vespa, apesar de produtores tentarem importar o inseto, o processo ainda não deu certo. O figo brasileiro, mesmo não polinizado, cresce, mas é inferior. Não serve para fazer os deliciosos figos secos, por exemplo. São os caprichos da “Mãe Natureza” que é possível degustar com milhares de minúsculas flores, já que tem uma inflorescência virada para dentro.

Mesmo em menor tamanho, ele é a base de diferentes

receitas, como a apresentada por Rosângela Alexandre dos Santos Dutra, participante do Festival de Receitas do Campo de Anápolis em 2022. “Essa gostosura de doce é uma receita da minha avó, desde criança saboreava em sua casa, pois sempre que chegávamos lá queria agradecer os netinhos com doces, e esse era um deles”, conta.

Rosângela afirma ainda que o amor que a avó colocava ao preparar o doce foi algo que passou de geração em geração para as mulheres da família, que mantém viva a tradição e o sentimento. “A vovó dizia que sempre quando ia fazer os doces, sempre pensava que tinha que fazer com amor e carinho, que era pra quem comesse sentisse somente bem-estar e prazer. E ela instituiu a todos para quem passou a receita sempre fazê-la assim, e pedia a todos que não deixassem desaparecer suas receitas, porque assim todos sempre estariam lembrando dela”, relatou emocionada.

Obs.: Algumas informações citadas no texto foram publicadas no site: <https://revistanatureza.com.br/voce-sabia-que-o-figo-nao-e-uma-fruta/>

Figo recheado com doce de leite

Ingredientes - Doce de figo

01 kg de figo
02 kg de açúcar
01 litro de água
½ xícara (chá) de água

Ingredientes - Doce de figo

03 litros de leite
01 kg de açúcar

Modo de preparo - Doce de Figo

1. Em um saco plástico, coloque açúcar ou areia, os figos e esfregue até retirar, completamente a lixa.
2. Em seguida, em água corrente, lave, raspe o restante da lixa e apare o pezinho.
3. Em uma panela, coloque o figo cubra com água, leve ao fogo, deixe ferver por 5 minutos. Repita essa etapa.
4. Entre uma etapa e outra, enxágue o figo em água fria, provocando um choque térmico para realçar o verde da fruta.

5. Em uma panela, coloque o açúcar, a água, os figos, leve ao fogo e deixe cozinhar até a calda engrossar.
6. Em uma peneira, despeje o figo e deixe escorrer.

Modo de preparo - Doce de Figo

1. Em uma panela de fundo grosso, coloque o leite, o açúcar, leve ao fogo, mexendo sempre até dar o ponto de puxa mole. Retire e deixe esfriar.

Montagem

1. Com o auxílio de uma faca, faça um corte em forma de cruz na parte inferior do figo.
2. Em seguida, recheie os figos com o doce de leite.
3. Em uma peneira, despeje o figo e deixe secar por 2 dias.

Rendimento: 25 porções

Tempo: 28 horas





Vitex - Um alívio natural para os sintomas da menopausa

Miranildes Garcia Teixeira de Carvalho, instrutora do Senar Goiás na área de identificação e processamento caseiro de plantas medicinais e escritora do Livro “Plantas Medicinais – O Ouro do Cerrado”. É, também, técnica em Enfermagem e especialista em cultivo e processamento de plantas medicinais pela Universidade Federal de Lavras (UFLA).

Outros nomes: Alecrim de Angola, Alecrim do Norte e Limba



O Vitex agnus-castus é uma planta medicinal conhecida como agnocasto, rica em flavonóides, óleos essenciais, diterpenos e glicosídeos, que têm ação sobre os hormônios femininos LH e FSH, podendo ser usado para auxiliar o tratamento de irregularidades do ciclo menstrual, ausência de menstruação, síndrome pré-menstrual, dor nas mamas ou excesso de produção de prolactina.

Alguns estudos mostram que o Vitex agnus-castus, por ajudar a equilibrar os níveis hormonais, pode auxiliar no tratamento de infertilidade feminina, principalmente quando a mulher tem baixos níveis de progesterona no corpo, o que pode dificultar uma gravidez.

Embora tenha muitos benefícios, esta planta medicinal deve ser usada com orientação do ginecologista. É considerada a planta da mulher e é cultivada em muitos quintais e jardins principalmente no Norte e Nordeste do país. Planta levemente relaxante, que regula as funções hormonais, alivia cólicas menstruais, auxilia na TPM e menopausa, alivia dores e espasmos. O chá das folhas é diurético.

Outras indicações:

Usado também contra disenteria, anti-inflamatório, expectorante, promove a lactação. Usa-se também em pacientes com erisipela, onde pode ser aplicado o sumo das folhas, nas lesões.

Chá por infusão

Usado também contra disenteria, anti-inflamatório, expectorante, promove a lactação. Usa-se também em pacientes com erisipela, onde pode ser aplicado o sumo das folhas, nas lesões.

Ingredientes

220 ml de água
1 colher sopa de folhas e flores de Vitex picadas

Modo de preparo:

Em 220 ml de água fervente, acrescentar as folhas lavadas e picadas. Se tiver flores, poderá utilizar também. Tampar e desligar o fogo, aguardar por 30 minutos e coar

Modo de uso:

Toma uma xícara chá, até 4 vezes ao dia.

Vinho medicinal

Desidratar folhas do Vitex e da Amora na sombra

Ingredientes

38 gramas de mix de folhas de Vitex e Amora
1 garrafa vinho branco

Modo de preparo:

Retirar pequena parte do vinho, acrescente o mix de folhas de Vitex e Amora, completar a garrafa com vinho que foi reservado. Tampar a garrafa e dar batidas com a garrafa na palma da mão, para misturar bem as folhas ao líquido. Deixar curtir por 15 dias. Após esse tempo, coar e colocar o vinho em um recipiente previamente esterilizado.

Modo de uso:

Toma de 7 a 10 ml, 3 vezes ao dia.



NOVO CURSO ONLINE E GRATUITO

Aprofundando Soft Skills no Agro

Comunicação, liderança e inteligência emocional
são as chaves para prosperar no seu negócio rural



Faça a diferença no campo

Transforme seu destino no agro com
conhecimento prático. **Matricule-se!**

Acesse ead.senargo.org.br ou aponte a
câmera do seu celular para o QR Code:



NISSAN |  saga
Goiás

Nissan Frontier, a camionete do agro, é a única com 6 anos de garantia, ideal para desbravar todas as estradas.



FALE CONOSCO



Paz no trânsito começa por você

NISSAN
INTELLIGENT
MOBILITY